

Clássicos da Literatura Brasileira

O Juiz de Paz na Roça As Casadas Solteiras

Martins Pena

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

O Juiz de Paz na Roça

As Casadas Solteiras

Martins Pena

O Juiz de Paz na Roça As Casadas Solteiras

Martins Pena

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Deborah Lobo

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Acreditando no futuro do Brasil

Direitos Reservados à

Editores Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2012

Impresso no Brasil

Q3j

Queiroz, Malthus, 1976-

O juiz de paz na roça ; As casadas solteiras / Martins Pena ;
adaptação: Malthus de Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser.
– Recife : Prazer de Ler, 2012.

128p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO BRASILEIRO – PERNAMBUCO. I. Pena, Martins,
1815-1848. II. Schloesser, Eduardo, 1962-. III. Título. IV. Título: As
casadas solteiras. V. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-2

CDD B869.2

PeR – BPE 12-048

ISBN: 978-85-65284-75-2

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

O Juiz de Paz na Roça

Juiz de Paz na Roça

Martins Pena

Comédia em 1 ato

Personagens

JUIZ DE PAZ.

ESCRIVÃO DO JUIZ DE PAZ.

MANUEL JOÃO, lavrador (guarda nacional).

MARIA ROSA, sua mulher.

ANINHA, sua filha.

JOSÉ (DA FONSECA), amante de Aninha.

Lavradores:

INÁCIO JOSÉ.

JOSÉ DA SILVA.

FRANCISCO ANTÔNIO.

MANUEL ANDRÉ.

SAMPAIO.

TOMÁS.

JOSEFA.

GREGÓRIO.

(Negros)

(A cena é na roça.)

Ato Único

Cena I

Sala com porta no fundo. No meio uma mesa, junto da qual estão cosendo Maria Rosa e Aninha.

MARIA ROSA — Teu pai está demorando muito hoje.

ANINHA — Ele disse que tinha muito que fazer.

MARIA ROSA — Pobre homem! Mata-se com tanto trabalho! É quase meio-dia e ainda não voltou. Desde as quatro horas da manhã que saiu; está só com uma xícara de café.

ANINHA — Meu pai, quando começa um trabalho, não gosta de largar, e minha mãe sabe muito bem que ele só tem a Agostinho.

MARIA ROSA — É verdade. Os meias-caras¹ agora estão tão caros! Quando havia valongo² eram mais

¹ Assim se denominavam os escravos contrabandeados e vendidos depois da proibição do tráfico, em 1850.

² Nome que se dava aos escravos vendidos legalmente do mercado da rua do Valongo, no Rio de Janeiro.

baratos.

ANINHA — Meu pai disse que quando desmanchar³ o mandiocal grande, vai comprar uma negrinha para mim.

MARIA ROSA — Também já me disse.

ANINHA — Minha mãe já preparou a jacuba⁴ para meu pai?

MARIA ROSA — É verdade! Ia me esquecendo! Vai aí fora e traz dois limões (*Aninha sai.*) Se o Manuel João viesse e não achasse a jacuba pronta, teríamos a confusão de sempre. Olha o que tinha me esquecido! (*Entra Aninha.*)

ANINHA — Aqui estão os limões.

MARIA ROSA — Fica tomando conta aqui, enquanto eu vou lá dentro. (*Sai.*)

ANINHA, só — Minha mãe já estava começando a demorar muito. Pensei que eu não iria falar com o senhor José, que está me esperando debaixo dos cafezeiros. Mas, como minha mãe está lá dentro, e meu pai não vai entrar nesta meia hora, posso fazê-lo entrar aqui. (*Chega à porta e acena com o lenço.*) Aí vem ele.

³ Regionalismo brasileiro: significa transformar (a mandioca) em farinha.

⁴ Bebida feita de água, farinha de mandioca, açúcar e mel.

Cena II

Entra José com calça e jaqueta branca.

JOSÉ — Olá, minha Aninha! (*Quer abraçá-la.*)

ANINHA — Fique quieto! Não gosto dessas brincadeiras. Eu quero me casar com o senhor, mas não quero que me abrace antes de nos casarmos. Esta gente, quando vai à Corte, volta perdida. Ora me diga, concluiu a venda do bananal que seu pai lhe deixou?

JOSÉ — Concluí.

ANINHA — Se o senhor agora tem dinheiro, por que não me pede a meu pai?

JOSÉ — Dinheiro? Nem um tostão!

ANINHA — Nem um tostão! Então o que fez do dinheiro? É assim que me ama? (*Chora.*)

JOSÉ — Minha Aninha, não chores. Oh, se tu soubesses como é bonita a Corte! Tenho um projeto que quero te dizer.

ANINHA — Qual é?

JOSÉ — Você sabe que eu agora estou pobre como Jó⁵, e então tenho pensado em uma coisa. Nós nos casaremos na paróquia, sem que teu pai saiba. Depois, partiremos para a Corte e lá viveremos.

ANINHA — Mas como? Sem dinheiro?

JOSÉ — Não te preocupes com isso: vou me alistar no Exército.

ANINHA — E minha mãe?

⁵ Muito pobre, paupérrimo.

O Juiz de Paz na Roça

JOSÉ — Que fique raspando mandioca, que é trabalho leve. Vamos para a Corte, que você verá o que é bom.

ANINHA — Mas então o que é que há de tão bonito lá?

JOSÉ — Eu te digo. Há três teatros, e um deles é maior que o engenho do capitão-mor.

ANINHA — Oh, como é grande!

JOSÉ — Peças são representadas lá todas as noites. Pois uma mágica... Oh, isto é coisa grande!

ANINHA — O que é mágica?

JOSÉ — Mágica é uma peça de muito maquinismo.

ANINHA — Maquinismo?

JOSÉ — Sim, maquinismo. Eu te explico. Uma árvore se transforma em uma barraca; paus viram cobras, e um homem vira macaco.

ANINHA — Macaco! Coitado do homem!

JOSÉ — Mas não é de verdade.

ANINHA — Ah, como deve ser bonito! E tem rabo?

JOSÉ — Tem rabo, tem.

ANINHA — Oh, homem!

JOSÉ — E o cercado dos cavalinhos?! É enorme! Há uns cavalos tão bem ensinados, que dançam, cumprimentam o público, saltam, falam... Porém, o que mais me espantou, foi ver um homem andar em pé em cima do cavalo.

ANINHA — Em pé? E não cai?

JOSÉ — Não. Outros se fingem de bêbados, fazem exercício — e tudo isso sem cair. E tem um macaco chamado o macaco Major, que é coisa de espantar.

ANINHA — Tem muitos macacos lá?



JOSÉ — Sim, e macacas também.

ANINHA — Que vontade me deu de ver todas essas coisas!

JOSÉ — Além disso, há muitos outros divertimentos. Na Rua do Ouvidor, há um cosmorama⁶; na Rua de São Francisco de Paula, outro; e no Largo uma casa onde se **veem** muitos bichos, muitas conchas, cabritos com duas cabeças, porcos com cinco pernas...

ANINHA — Quando é que você pretende se casar comigo?

JOSÉ — O vigário está pronto para qualquer hora.

ANINHA — Então, amanhã de manhã.

JOSÉ — Pois sim. (*Alguém canta dentro da casa.*)

ANINHA — Aí vem meu pai! Vai embora antes que ele te veja.

JOSÉ — Adeus, até amanhã de manhã.

ANINHA — Olhe lá, não falte! (*Sai José.*)

⁶ Conjunto de vistas ou quadros dos mais diversos países ampliados por instrumentos ópticos. Um cosmorama pode ser também o local em que estas vistas e quadros são expostos ou o instrumento com o qual se observam tais vistas.

Cena III

ANINHA, só — Como é bonita a Corte! Lá é que a gente pode se divertir, e não aqui, onde não se ouve nada além dos sapos e as entanhas⁷ cantarem. Teatros, mágicas, cavalos que dançam, cabeças com dois cabritos, macaco Major... Quanta coisa! Quero ir para a Corte!

Cena IV

Entra Manuel João com uma enxada no ombro, vestido de calças de ganga⁸ azul, com uma das pernas arregaçada, agasalho azul e descalço. Acompanhando-o, um negro com um cesto na cabeça e uma enxada no ombro, vestido de camisa e calça de algodão.

ANINHA — Abençã, meu pai.

MANUEL JOÃO — Oi, minha filha. Onde está tua mãe?

ANINHA — Está lá dentro preparando a jacuba.

MANUEL JOÃO — Diga a ela que traga, pois estou com muito calor. (*Aninha sai e Manuel João fala para o negro.*) Agostinho, leva estas enxadas lá para dentro e vai botar este café no sol. (*O preto sai e Manuel João senta-se.*) Estou que não posso comigo; tenho trabalhado como um burro!

⁷ Espécie de sapo pequeno.

⁸ Tecido grosseiro de algodão.

Cena V

Entra Maria Rosa com uma tigela na mão, e Aninha a acompanha.

MANUEL JOÃO — Olá, Maria Rosa.

MARIA ROSA — Olá. Estás muito cansado?

MANUEL JOÃO — Muito. Dá isso aqui.

MARIA ROSA — Pensando que você viria muito cansado, fiz a tigela cheia.

MANUEL JOÃO — Obrigado. (*Bebendo.*) Hoje trabalhei como gente... Limpei o mandiocal, que estava muito sujo... Derrubei umas árvores do lado de Francisco Antônio... Limpei a vala de Maria do Rosário, que estava muito suja e encharcada, e logo pretendo colher café. Aninha?

ANINHA — Sim, meu pai?

MANUEL JOÃO — Quando acabares de jantar, pegue um samburá⁹ e vai colher o café que está em torno da casa.

ANINHA — Sim, senhor.

MANUEL JOÃO — Senhora, a janta está pronta?

MARIA ROSA — Há muito tempo.

MANUEL JOÃO — Pois traga.

MARIA ROSA — Aninha, vai buscar a janta de teu pai. (*Aninha sai.*)

MANUEL JOÃO — Senhora, sabe que mais? É preciso casarmos esta menina.

MARIA ROSA — Eu já tenho pensado nisso; mas

⁹Espécie de cesto de vime.

nós somos pobres, e quem é pobre não casa.

MANUEL JOÃO — Sim, senhora, mas uma pessoa já me deu a entender que logo que puder juntar três ou quatro meias-caras, falaria nisso comigo... Quando chegar a oportunidade, trataremos deste negócio. (*Entra Aninha com dois pratos e os deixa em cima da mesa.*)

ANINHA — Minha mãe, a carne-seca acabou.

MANUEL JOÃO — Já?!

MARIA ROSA — Da última vez veio só meia arroba.

MANUEL JOÃO — Carne boa não faz conta, voa. Sentem-se e jantem. (*Sentam-se todos e comem com as mãos. O jantar é carne-seca, feijão e laranjas.*) Não tem carne-seca para o negro?

ANINHA — Não, senhor.

MANUEL JOÃO — Pois coma laranjas com farinha, que não é melhor do que eu. Esta carne está dura como um couro... Irra! Qualquer dia destes, eu... Diabo de carne!... Juro que vou fazer uma plantação... Lá se vão os dentes!... Deviam ter botado esta carne de molho... Que diabo de laranjas tão azedas! (*Batem à porta.*) Quem é? (*Logo que Manuel João ouve as batidas, esconde os pratos na gaveta e lambe os dedos.*)

ESCRIVÃO, *dentro* — Dá licença. Senhor Manuel João?

MANUEL JOÃO — Entre! Quem é?

ESCRIVÃO, *entrando* — Deus esteja nesta casa.

MARIA ROSA e MANUEL JOÃO — Amém.

ESCRIVÃO — Um criado da Senhora Dona e da Senhora Doninha.

MARIA ROSA e ANINHA — Uma sua criada. (*Fazem um gesto de cumprimento.*)

MANUEL JOÃO — O senhor por aqui a estas horas é novidade.

ESCRIVÃO — Venho da parte do senhor Juiz de

Paz intimá-lo para levar um recruta à cidade.

MANUEL JOÃO — Ó, homem, não há mais ninguém que sirva para isto?

ESCRIVÃO — Todos se recusam do mesmo modo e o serviço, no entanto, tem de ser feito.

MANUEL JOÃO — Sim, os pobres é que pagam.

ESCRIVÃO — Meu amigo, isto é falta de patriotismo. Vocês bem sabem que é preciso mandar gente para o Rio Grande; se não, perdemos esta província¹⁰.

MANUEL JOÃO — E que me importa isso? Quem armou que desarme.

ESCRIVÃO — Mas, meu amigo, os rebeldes têm feito horrores por lá!

MANUEL JOÃO — E o senhor quer que eu faça o quê? Essa é boa!

ESCRIVÃO — Não diga isto, senhor Manuel João, a rebelião...

MANUEL JOÃO (*Gritando.*) — E que me importa isso?... E o senhor a dar-lhe...

ESCRIVÃO (*Zangado.*) — O senhor juiz manda dizer ao senhor que, se não for, irá preso.

MANUEL JOÃO — Pois diga com todos os diabos ao senhor juiz que irei levar o recruta.

ESCRIVÃO, *à parte* — Já não era sem tempo! Apre¹¹! Como me custou achar um guarda... Às vossas ordens.

MANUEL JOÃO — Um seu criado.

ESCRIVÃO — Senhora Dona, passe muito bem. (*Sai o escrivão.*)

MANUEL JOÃO — Mulher, arruma esta sala, enquanto vou vestir a farda. (*Sai Manuel João.*)

¹⁰ Referência à Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha, ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845.

¹¹ Expressão de aborrecimento.



Cena VI

MARIA ROSA — Pobre homem! Ir à cidade somente para levar um preso! Perder assim um dia de trabalho...

ANINHA — Minha mãe, pra que é que mandam a gente presa para a cidade?

MARIA ROSA — Pra irem à guerra.

ANINHA — Coitados!

MARIA ROSA — Não existe injustiça maior! Manuel João está todos os dias vestindo a farda. Ora pra levar presos, ora pra dar nos quilombos...

ANINHA — Mas meu pai vai por quê?

MARIA ROSA — Porque o Juiz de Paz o obriga.

ANINHA — Ora, ele podia ficar em casa, e, se o Juiz de Paz viesse buscá-lo aqui, era só surpreendê-lo.

MARIA ROSA — És uma tolinha! E a cadeia depois?

ANINHA — Ah, eu não sabia.

Cena VII

Entra Manuel João com a mesma calça e jaqueta de chita¹², tamancos, barretina¹³ da Guarda Nacional, cinturão com baioneta¹⁴ e um grande pau na mão.

MANUEL JOÃO, entrando — Estou fardado. Até amanhã, senhora. *(Dá um abraço.)*

ANINHA — Abençã, meu pai.

MANUEL JOÃO — Até amanhã, menina.

ANINHA — Como meu pai vai à cidade, não se esqueça dos sapatos franceses que me prometeu.

MANUEL JOÃO — Pois sim.

MARIA ROSA — No caminho, compre carne.

MANUEL JOÃO — Sim. Até amanhã, minha gente, até amanhã.

MARIA ROSA e ANINHA — Até amanhã! *(Acompa-nham-no até a porta.)*

MANUEL JOÃO, à porta — Não se esqueça de mexer a farinha e de dar comida às galinhas.

MARIA ROSA — Não. Até mais! *(Sai Manuel João.)*

¹² Tecido colorido de algodão, com pouco valor.

¹³ Tipo de chapéu usado por militares antigamente.

¹⁴ Arma pontuda colocada na ponta do cano de fuzil ou da espingarda, usada por soldados em combates corpo a corpo.

Cena VIII

MARIA ROSA — Menina, me ajude a levar estes pratos para dentro. Está na hora de você ir colher o café e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

ANINHA — Vamos, minha mãe. (*Andando.*) Tomara que meu pai não se esqueça dos meus sapatos... (*Saem.*)

Cena IX

Sala na casa do Juiz de Paz. Mesa no meio com papéis; cadeiras. Entra o Juiz de Paz vestido de calça branca, rodague¹⁵ de riscado, chinelas verdes e sem gravata.

JUIZ — Vamos nos preparando para dar audiência. (*Organiza os papéis.*) O escrivão está demorando; sem dúvida está na venda do Manuel do Coqueiro... (*Batem à porta.*) Quem é? Pode entrar. (*Entra um preto com um cacho de bananas e uma carta, que entrega ao Juiz. Juiz, lendo a carta.*) “Ilmo. Sr. — Muito me alegro de dizer a V. Sa. que me agrada lhe escrever esta carta, e que desejo que ela lhe agrade também, pois muito me dão prazer seus circunlóquios¹⁶.” (*Deixando de ler.*) Circunlóquios... O que ele quer dizer? Continuemos. (*Lendo.*) “Tomo a liberdade de mandar a V. Sa. um cacho de bananas-maçãs para V. Sa. comer com a sua boca e dar também à Sra. Juíza e aos Srs. Juizinhos. V.

¹⁵ Tipo de casaco.

¹⁶ Maneira de falar na qual se exprime um pensamento de modo indireto e impreciso.

Sa. há de reparar na insignificância do presente; porém, Ilmo. Sr., as reformas da Constituição permitem a cada um fazer o que quiser, e mesmo fazer presentes; ora, mandando assim as ditas reformas, V. Sa. fará o favor de aceitar as ditas bananas, que diz minha Teresa Ova serem muito boas. No mais, receba as ordens de quem é seu venerador e tem a honra de ser — Manuel André de Sapiruruca.” Bom, tenho bananas para a sobremesa. Ó, pai, leva estas bananas para dentro e entrega à senhora. Toma lá um trocado para teu tabaco. (*Sai o negro.*) O certo é que é bem bom ser Juiz de Paz aqui pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc. (*Batem à porta.*) Quem é?

ESCRIVÃO, *dentro* — Sou eu.

JUIZ — Ah, é o escrivão. Pode entrar.



Cena X

ESCRIVÃO — Já intimei Manuel João para levar o preso à cidade.

JUIZ — Bom. Agora, vamos preparar a audiência. (*Assentam-se ambos à mesa, e o Juiz toca a campainha.*) Os senhores que estão lá fora, no terreno, podem entrar. (*Entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas de ganga, de tamancos, descalços; outros calçam sapatos e meias quando entram. Tomás traz um leitão debaixo do braço.*) Está aberta a audiência. Os seus requerimentos?

Cena XI

Inácio José, Francisco Antônio, Manuel André e Sampaio entregam seus requerimentos.

JUIZ — Sr. Escrivão, faça o favor de ler.

ESCRIVÃO, *lendo* — Diz Inácio José, natural desta paróquia e casado com Josefa, sua mulher de acordo com a Igreja, que precisa que Vossa Senhoria mande Gregório degredado para fora da terra, pois teve o atrevimento de dar uma umbigada em sua mulher, na encruzilhada do Pau-Grande, que quase a fez abortar, umbigada esta que fez cair a dita sua mulher de pernas para o ar. Portanto, pede a Vossa Senhoria que mande o dito Gregório degredado para Angola. Espera receber mercê¹⁷.

¹⁷ No texto original, está a forma E.R.M.

O Juiz de Paz na Roça

JUIZ — É verdade, Sr. Gregório, que o senhor deu uma umbigada na senhora?

GREGÓRIO — É mentira, Sr. Juiz de Paz, eu não dou umbigadas em bruxas.

JOSEFA — Bruxa é a tua mulher, malcriado! Já não se lembra que me deu uma umbigada e que me deixou uma marca roxa na barriga? Se o senhor quer ver, posso mostrar.

JUIZ — Nada, nada, não é preciso; eu acredito.

JOSEFA — Sr. Juiz, não é a primeira umbigada que este homem me dá; eu é que tenho evitado contar a meu marido.

JUIZ — Está bom, senhora, sossegue. Sr. Inácio José, deixe destas besteiras, dar umbigadas não é crime classificado no Código. Sr. Gregório, faça o favor de não dar mais umbigadas na senhora, senão lhe aplico umas leis nas costas e meto o senhor na cadeia. Queiram se retirar.

INÁCIO JOSÉ, *para Gregório* — Lá fora vai me pagar.

JUIZ — Estão conciliados. (*Inácio José, Gregório e Josefa saem.*) Sr. Escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO, *lendo* — “O abaixo-assinado vem dar os parabéns a V. Sa. por ter entrado com saúde no novo ano financeiro. Eu, Ilmo Sr. Juiz de Paz, sou senhor de um sítio que está na beira do rio, onde dá bananas e laranjas muito boas, e peço a V. Sa. o favor de aceitar um cestinho das mesmas que eu mandarei hoje à tarde. Mas, como ia dizendo, o dito sítio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras e outras coisas mais; e tudo ia bem quando um meu vizinho, homem da raça do Judas, diz que metade do sítio é dele. E então, que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? Mas, como ia dizendo, peço a V. Sa. para vir assistir à marcação do sítio. Manuel André. Espera receber mercê.”

JUIZ — Não posso atender por estar muito atrapa-

lhado com um roçado; portanto, peça ao suplente, que é o meu compadre Pantaleão.

MANUEL ANDRÉ — Mas, Sr. Juiz, ele também está ocupado com uma plantação.

JUIZ — Você contesta? Olhe que o mando para a cadeia.

MANUEL ANDRÉ — Vossa Senhoria não pode me prender à toa: a Constituição não permite.

JUIZ — A Constituição!... Está bem!... Eu, o Juiz de Paz, irei por bem alterar a Constituição! Sr. Escrivão, tome termo que a Constituição está alterada, e mande prender este homem.

MANUEL ANDRÉ — Isso é uma injustiça!

JUIZ — Ainda fala? Suspendo suas garantias...

MANUEL ANDRÉ — É desaforo...

JUIZ, *levantando-se* — Brejeiro!... (*Manuel André corre; o Juiz vai atrás.*) Pega... Pega... Lá se foi... Que o diabo o leve. (*Senta-se.*) Vamos às outras partes.

ESCRIVÃO, *lendo* — Diz João de Sampaio que, sendo ele “senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás, e com a sem-cerimônia que tem todo porco, fuçasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito dizer, Sr. juiz, que o leitão, é preciso advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de animal e que pensa às vezes como um homem. Para V. Sa. não pensar que minto, lhe conto uma história: a minha cadela **Troia**, aquela mesma que ia mordendo V. Sa. naquela noite, depois que lhe dei uma surra, nunca mais comeu na cuia¹⁸ com os pequenos. Mas vou a respeito

¹⁸ Fruto da cuieira. Vaso feito desse fruto maduro e esvaziado do miolo.

O Juiz de Paz na Roça

dizer que o Sr. Tomás não tem razão em querer ficar com o leitão só porque comeu três ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. Sa. que mande me entregar o leitão. Espero receber mercê.”

JUIZ — É verdade, Sr. Tomás, o que o Sr. Sampaio diz?

TOMÁS — É verdade que o leitão era dele, porém agora é meu.

SAMPAIO — Mas, se era meu, e o senhor não me comprou, nem eu o dei ao senhor, como pode ser seu?

TOMÁS — É meu, tenho dito.

SAMPAIO — Pois não é, não, senhor. *(Agarram ambos no leitão e puxam, cada um para sua banda.)*

JUIZ, *levantando-se* — Larguem o pobre animal, não o matem!

TOMÁS — Deixe-me, senhor!

JUIZ — Sr. Escrivão, chame o meirinho¹⁹. *(Os dois se apartam.) Espere. Sr. Escrivão, não é preciso. (Senta-se.)* Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores esse leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isso que **deem** a mim.

TOMÁS — Vossa Senhoria lembra bem. Peço licença a Vossa Senhoria para lhe oferecer.

JUIZ — Muito obrigado. O senhor é um homem de bem, que não gosta de discussões. E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO — Vou a respeito dizer que, se Vossa Senhoria aceita, fico contente.

JUIZ — Muito obrigado, muito obrigado! Faça o favor de deixar ver. Ó, homem, está gordo, tem toucinho de quatro dedos! Ora, Sr. Tomás, logo eu, que gosto tanto de porco com ervilha!

¹⁹ Antigo funcionário da justiça.



0-50

TOMÁS — Se Vossa Senhoria quiser, posso mandar algumas.

JUIZ — Faz-me o favor. Tome o leitão e bote no chiqueiro quando passar. Sabe onde é?

TOMÁS, *tomando o leitão* — Sim, senhor.

JUIZ — Podem se retirar, estão conciliados.

SAMPAIO — Tenho ainda um requerimento a fazer.

JUIZ — Então, qual é?

SAMPAIO — Desejo que Vossa Senhoria mande convocar a **Assembleia** Provincial.

JUIZ — Ó, homem! Convocar a **Assembleia** Provincial? E para quê?

SAMPAIO — Pra mandar fazer um cercado de espinhos em todas as hortas.

JUIZ — Isso é impossível! A **Assembleia** Provincial não pode se ocupar com essas insignificâncias.

TOMÁS — Insignificância?! Mas os votos que Vossa Senhoria pediu para aqueles sujeitos não eram insignificâncias. Na época, me prometeu mundos e fundos.

JUIZ — Está bem, veremos o que poderei fazer. Queiram se retirar. Estão conciliados; tenho mais que fazer. (*Saem os dois.*) Sr. Escrivão, faça o favor de... (**Levanta-se** *apressado e, chegando à porta, grita para fora.*) Ó, Sr. Tomás! Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro!

TOMÁS, *ao longe* — Sim, senhor.

JUIZ, *sentando-se* — Era muito capaz de se esquecer. Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO, *lendo* — Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, esta trouxe uma égua de dote. Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disso é que

a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. que mande o dito meu vizinho me entregar o filho da égua que é de minha mulher.

JUIZ — É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA — É verdade; porém, o filho me pertence, pois é do meu cavalo.

JUIZ — Tenha a bondade de entregar o filho a seu dono, pois pertence à mulher deste senhor.

JOSÉ DA SILVA — Mas, Sr. Juiz...

JUIZ — Nem mais nem meios-mais; entregue o filho, senão, cadeia!

JOSÉ DA SILVA — Eu vou me queixar ao Presidente.

JUIZ — Pois vá, que eu tomarei a apelação.

JOSÉ DA SILVA — E eu embargo.

JUIZ — Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto do processo!

JOSÉ DA SILVA — Eu lhe mostrarei, deixe estar.

JUIZ — Sr. Escrivão, não dê anistia a este rebelde. Mandé o soldado agarrá-lo.

JOSÉ DA SILVA, *com humildade* — Vossa Senhoria não se renegue! Eu entregarei o piquira²⁰.

JUIZ — Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (*Saem os dois.*) Não há mais ninguém? Bom, está fechada a sessão. Hoje me cansaram!

MANUEL JOÃO, *dentro* — Dá licença?

JUIZ — Quem é? Pode entrar.

MANUEL JOÃO, *entrando* — Um criado de Vossa Senhoria.

JUIZ — Oh, é o senhor? Queira ter a bondade de esperar um pouco, enquanto vou buscar o preso. (*Abre uma porta do lado.*) Queira sair.

²⁰ Cavalo pequeno.

Cena XII

Entra José.

JUIZ — Aqui está o recruta; queira levar para a cidade. Deixe-o no quartel do Campo de Santana e vá levar esta mensagem ao general. (*Dá-lhe um papel.*)

MANUEL JOÃO — Sim, senhor. Mas, Sr. Juiz, isto não podia ficar para amanhã? Já é tarde, pode anoitecer no caminho e o sujeitinho fugir.

JUIZ — Mas onde ele há de ficar? Bem sabe que não temos cadeias.

MANUEL JOÃO — Isso é o diabo!

JUIZ — Só se o senhor quiser levá-lo para sua casa e prendê-lo até amanhã, ou num quarto, ou na casa da farinha.

MANUEL JOÃO — Pois bem, levarei.

JUIZ — Preste atenção para que não fuja.

MANUEL JOÃO — Sim, senhor. Rapaz, me acompanhe. (*Saem Manuel João e José.*)

Cena XIII

JUIZ — Agora, nós vamos jantar. (*Quando estão para sair, batem à porta.*) Mais um! Essas gentes pensam que um juiz é de ferro! Entre quem é!

Cena XIV

Entra Josefa com três galinhas penduradas na mão e uma cuia com ovos.

JUIZ — Ordena alguma coisa?

JOSEFA — Trago este presente para o Sr. Juiz. Queira perdoar não ser conveniente. Não trouxe mais porque a peste deu lá em casa, e só ficaram estas que trago e a carijó, que ficou chocando.

JUIZ — Está bom; muito obrigado pela sua lembrança. Quer jantar?

JOSEFA — Vossa Senhoria faça o seu gosto, que o meu já fiz em casa.

JUIZ — Então, com sua licença.

JOSEFA — Uma sua criada. (*Sai.*)



Cena XV

JUIZ, *com as galinhas nas mãos* — Ao menos com esta visita lucrei. Sr. Escrivão, veja como estão gordas! Então, que diz?

ESCRIVÃO — Parecem uns perus.

JUIZ — Vamos jantar. Traga estes ovos. (*Saem.*)

Cena XVI

Casa de Manuel João. Entram Maria Rosa e Aninha com um samburá ²¹ *na mão.*

MARIA ROSA — Estou moída! Já mexi dois alqueires²² de farinha.

ANINHA — Minha mãe, aqui está o café.

MARIA ROSA — Bota aí. Onde estará aquele maldito negro?

²¹ Cesto bojudo e de boca estreita.

²² Medida portuguesa antiga, usada até o século XIX especialmente para quantificar cereais.

Cena XVII

Entram Manuel João e José.

MANUEL JOÃO — Deus esteja nesta casa.

MARIA ROSA — Manuel João!...

ANINHA — Meu pai!...

MANUEL JOÃO, *para José* — Faça o favor de entrar.

ANINHA, *à parte* — Meu Deus, é ele!

MARIA ROSA — O que é isto? Não foste para a cidade?

MANUEL JOÃO — Não, porque era tarde e não queria que este sujeito fugisse no caminho.

MARIA ROSA — Então quando vais?

MANUEL JOÃO — Amanhã de madrugada. Este amigo dormirá trancado naquele quarto. Onde está a chave?

MARIA ROSA — Na porta.

MANUEL JOÃO — Amigo, venha cá. (*Chega à porta do quarto e diz.*) Ficaré aqui até amanhã. Lá dentro tem uma cama; entre. (*José entra.*) Bem, está seguro. Senhora, vamos para dentro contar quantas dúzias de bananas temos para levar amanhã para a cidade. A chave fica em cima da mesa; lembrem-me, se eu me esquecer. (*Saem Manuel João e Maria Rosa.*)

Cena XVIII

ANINHA, só — Vou facilitar a escapulida para ele. Mas como se deixou prender?... Ele me contará, vamos abrir... (*Pega a chave que está sobre a mesa e abre a porta.*) Saia!

JOSÉ, *entrando* — Oh, minha Aninha, quanto te devo!

ANINHA — Esqueçamos os cumprimentos. **Diga-me**, como se deixou prender?

JOSÉ — Assim que botei os pés fora desta porta, encontrei com o juiz, que mandou me agarrar.

ANINHA — Coitado!

JOSÉ — E, se teu pai não fosse incumbido de me levar, estaria perdido, seria soldado à força.

ANINHA — E se nós fugíssemos agora para nos casarmos?

JOSÉ — Muito bem lembrado. O vigário a estas horas está na Igreja e pode fazer o casamento rapidamente.

ANINHA — Pois vamos, antes que meu pai venha.

JOSÉ — Vamos. (*Saem correndo.*)

Cena XIX

MARIA ROSA, *entrando* — Ó, Aninha! Aninha! Onde está esta maldita? Aninha! Mas o que é isto? Esta porta aberta? Ah! Sr. Manuel João! Sr. Manuel João!

MANUEL JOÃO, *dentro* — O que é?

MARIA ROSA — Venha cá depressa. (*Entra Manuel João vestido com roupas de casa.*)

MANUEL JOÃO — Então, o que é?

MARIA ROSA — O soldado fugiu!

MANUEL JOÃO — O que você está dizendo, mulher?!

MARIA ROSA, *apontando para a porta* — Olhe!

MANUEL JOÃO — Ó, diabo! (*Chega-se para o quarto.*) É verdade, fugiu! Melhor assim. Não terei o trabalho de levá-lo à cidade.

MARIA ROSA — Mas ele não fugiu só...

MANUEL JOÃO — Hein?!

MARIA ROSA — Aninha fugiu com ele.

MANUEL JOÃO — Aninha?!

MARIA ROSA — Sim.

MANUEL JOÃO — Minha filha fugir com um vadio daqueles! Veja o que fazem as guerras do Rio Grande!

MARIA ROSA — Ingrata! Filha ingrata!

MANUEL JOÃO — Dê-me minha jaqueta e meu chapéu, que eu quero ir à casa do Juiz de Paz fazer queixa disso. Vou mostrar àquele mequetrefe quem é Manuel João... Vá, senhora, não fique choramingando.



Cena XX

Entram José e Aninha e ajoelham-se aos pés de Manuel João.

AMBOS — Senhor!

MANUEL JOÃO — O que é isso?

ANINHA — Meu pai, aqui está o meu marido.

MANUEL JOÃO — Teu marido?!

JOSÉ — Sim, senhor, seu marido. Há muito tempo que nos amamos, e, sabendo que o senhor não nos daria o consentimento, fugimos e casamos na igreja da paróquia.

MANUEL JOÃO — E então? Agora querem reparar o erro. Está bom, levantem-se; agora não há remédio. *(Aninha e José levantam-se. Aninha vai abraçar a mãe.)*

ANINHA — E minha mãe, me perdoa?

MARIA ROSA — E quando é que eu não vou te perdoar? Não sou tua mãe? *(Abraçam-se.)*

MANUEL JOÃO — É preciso agora irmos dar parte ao Juiz de Paz que você não pode ser soldado, pois está casado. Senhora, vá buscar minha jaqueta. *(Sai Maria Rosa.)* Então o senhor conta viver à minha custa, e com o meu trabalho?

JOSÉ — Não, senhor. Também tenho braços para ajudar, e, se o senhor não quer que eu viva aqui, irei para a Corte.

MANUEL JOÃO — E vai ser o que lá?

JOSÉ — Se não puder ser outra coisa, serei ganhador da Guarda Nacional. Cada ronda rende um mil-réis²³, e cada guarda três mil-réis.

²³ Antiga moeda portuguesa e brasileira.

MANUEL JOÃO — Ora, diabos, não seja tolo! (*Entra Maria Rosa com jaqueta, chapéu e xale.*)

MARIA ROSA — Aqui está.

MANUEL JOÃO, *depois de vestir a jaqueta* — Vamos à casa do juiz.

TODOS — Vamos. (*Saem.*)

Cena XXI

Casa do Juiz. Entra o Juiz de Paz e o Escrivão.

JUIZ — Agora que estamos com a pança cheia, vamos trabalhar um pouco. (*Sentam-se à mesa.*)

ESCRIVÃO — Vossa Senhoria vai amanhã à cidade?

JUIZ — Vou, sim. Quero me aconselhar com um letrado para saber como devo despachar alguns requerimentos que tenho aqui.

ESCRIVÃO — Pois Vossa Senhoria não sabe despachar?

JUIZ — Eu? Ora, essa é boa! Eu entendo disso? Quando é um caso de umbigada, vá lá; mas casos sérios são outra coisa. Eu lhe conto o que ia me acontecendo um dia. Um amigo meu me aconselhou que, todas as vezes que eu não soubesse dar um despacho, que fizesse o seguinte: “Não tem lugar”. Um dia me apresentaram um requerimento de certo sujeito, queixando-se que sua mulher não queria viver com ele, etc. Eu, não sabendo que despacho dar, dei o seguinte: “Não tem lugar”. Isso mesmo é que queria a mulher; porém, o marido fez uma confusão dos diabos; foi à cidade, queixou-se ao Presidente, e eu quase fui suspenso. Não quero que me aconteça outra.

ESCRIVÃO — Vossa Senhoria não se envergonha,

sendo um Juiz de Paz?

JUIZ — Envergonhar-me de quê? Aqui para nós, que ninguém nos ouça, quantos juizes de direito existem por estas comarcas que não sabem onde metem sua mão direita, quanto mais juizes de paz... E, além disso, cada um faz o que sabe. (*Batem.*) Quem é?

MANUEL JOÃO, *dentro* — Um criado de Vossa Senhoria.

JUIZ — Pode entrar.

Cena XXII

Entram Manuel João, Maria Rosa, Aninha e José.

JUIZ, *levantando-se* — Então, o que é isto? Pensei que já estava longe daqui!

MANUEL JOÃO — Não, senhor, ainda não fui.

JUIZ — Estou vendo.

MANUEL JOÃO — Este rapaz não pode ser soldado.

JUIZ — Oh, uma rebelião? Sr. Escrivão, mande convocar a Guarda Nacional e mande ofício ao Governo.

MANUEL JOÃO — Vossa Senhoria não se aflija; este homem está casado.

JUIZ — Casado?!

MANUEL JOÃO — Sim, senhor, e com minha filha.

JUIZ — Ah, então não é rebelião. — Mas sua filha está casada com um canalha desses?

MANUEL JOÃO — Eu o tinha preso no meu quarto para levá-lo amanhã para a cidade; porém, a menina, que foi mais esperta, furtou a chave e fugiu com ele.

ANINHA — Sim, senhor, Sr. Juiz. Há muito tempo que o amo, e como achei boa a ocasião, aproveitei.

JUIZ — A menina não perde ocasião! Agora, o que está feito, está feito. O senhor não irá mais para a cidade, pois está casado. Assim, não falemos mais nisso. Já que estão aqui, farão o favor de tomar uma xícara de café comigo, e dançarmos antes disto uma tirana²⁴. Vou mandar chamar mais algumas pessoas para fazerem a roda maior. (*Chega à porta.*) Ó, Antônio! Vai à venda do Sr. Manuel do Coqueiro e diz aos senhores que saíram há pouco daqui que façam o favor de voltarem. (*Para José.*) O senhor me perdoe se o chamei de canalha; não está mais aqui quem falou.

JOSÉ — Eu não me escandalizo; Vossa Senhoria tinha de algum modo razão, porém, eu me emendarei.

MANUEL JOÃO — E, se não se emendar, tenho um chicote.

JUIZ — Senhora Dona, queira perdoar se ainda a não cortejei. (*Cumprimenta.*)

MARIA ROSA, *cumprimentando* — Uma criada de Sua Excelência.

JUIZ — Obrigado, minha senhora... Estão chegando os amigos.

²⁴ Dança e cantoria campestre, espécie de fandango.

Cena Última

Os mesmos e os que estiveram em cena.

JUIZ — Sejam bem-vindos, meus senhores. (*Cumprimentam-se*) Eu mandei chamá-los para tomarem uma xícara de café comigo e dançarmos um fado em graça ao Sr. Manuel João, que casou sua filha hoje.

TODOS — Obrigado a Vossa Senhoria.

INÁCIO JOSÉ, *para Manuel João* — Estimo que sua filha seja feliz.

OS OUTROS — Da mesma sorte.

MANUEL JOÃO — Obrigado.

JUIZ — Sr. Escrivão, faça o favor de ir buscar a viola. (*Sai o Escrivão.*) Não façam cerimônia; suponham que estão em suas casas... Esta casa, agora, não é do Juiz de Paz — é de João Rodrigues. Sr. Tomás, faz-me o favor? (*Tomás chega perto do Juiz, e este o leva para um canto.*) O leitão ficou no chiqueiro?

TOMÁS — Ficou sim, senhor.

JUIZ — Bom. (*Para os outros.*) Vamos arranjar a roda. A noiva dançará comigo, e o noivo com sua sogra. Ó, Sr. Manuel João, arranje outra roda... Vamos, vamos! (*Arranjam as rodas; o Escrivão entra com uma viola.*) Os outros senhores sentem-se nos bancos... Sr. Escrivão, ou toque ou dê a viola a algum dos senhores. Um fado bem rasgadinho... bem choradinho...

MANUEL JOÃO — Agora sou eu, gente!

JUIZ — Bravo, minha gente! Toque, toque! (*Um dos atores toca a tirana na viola; os outros batem palmas e caquinhos, e os demais dançam.*)

TOCADOR, *cantando* —

Ganinha, minha senhora,



O Juiz de Paz na Roça

*Da maior veneração;
Passarinho foi-se embora,
Deixou-me penas na mão.*
TODOS — *Se me dás que “comê”,
Se me dás que “bebê”,
Se manténs a casa,
Vou morar com você. (Dançam.)*
JUIZ — *Assim, meu povo! Esquenta, esquenta!...*
MANUEL JOÃO — *Aferventa!...*
TOCADOR, *cantando* —
*Em cima daquele morro
Há um pé de ananás;
Não há homem neste mundo
Como o nosso Juiz de Paz.*
TODOS — *Se me dás que “comê”,
Se me dás que “bebê”,
Se manténs a casa,
Vou morar com você.*
JUIZ — *Aferventa, aferventa!*

FIM

As Casadas Solteiras

As Casadas Solteiras

Martins Pena

Comédia em três atos

Personagens

BOLINGBROK, negociante.

JOHN, seu sócio.

JEREMIAS.

NARCISO, pai de VIRGÍNIA e CLARISSE.

HENRIQUETA, mulher de Jeremias.

Um criado e diferentes pessoas de ambos os sexos.

(A cena se passa: o primeiro ato, em Paquetá; o segundo, na Bahia; e o terceiro, no Rio de Janeiro.)

Ato Primeiro

O teatro representa o Campo de São Roque, em Paquetá. Quatro barracas, iluminadas e decoradas, como costumam ser nos dias de festa, enfeitam a cena de um e outro lado; a do primeiro plano, à direita, terá peças transparentes fantásticas, diabos, corujas, feiticeiras, etc. No fundo, vê-se o mar. Diferentes grupos, diversamente vestidos, passeiam de um lado para outro, parando ora no meio da cena, ora diante das barracas, de dentro das quais se ouve tocar música. Um homem com um instrumento musical passeia por entre os grupos, tocando. A disposição da cena deve ser viva.

Cena I

Jeremias e o povo.

JEREMIAS — Fiz bem em vir à festa de São Roque. Passei um excelente dia, e a noite será melhor ainda — e vivam as festas! Pode perdê-las quem quiser; eu não. Nasci para elas e vou viver nelas. Em São Roque, na Penha, na Praia Grande, na Armação... Enfim, em todos os lugares onde houver festa, se estiverem duas pessoas, uma delas serei eu. Que bonito isso está! Barracas, teatrinho de bonecos, onças vivas, fogos de artifício, máquinas, realejo¹ e mágicos que adivinham o futuro... Logo teremos um nesta barraca... Ora, esses estrangeiros são capazes das maiores maluquices para nos tomar dinheiro! Se há tanta gente que acredita nelas... Estou que não consigo me conter!

VOZES — Aí vem a barca! Aí vem a barca!

JEREMIAS — A barca! (*Correm todos para a beira do mar, exceto Jeremias.*) Vamos ver, primeiro, quem vem da cidade, para depois aparecer. Tenho minhas razões... (*Sai pela direita. Nesse momento aparece a barca de vapor, que atraca à praia e toca a sineta. Os passageiros começam a sair da barca, e entre eles, John e Bolingbrok, que se encaminham para a frente.*)

¹ Instrumento musical; espécie de órgão mecânico portátil, que funciona por meio de manivela.



Cena II

John, Bolingbrok e o povo.

JOHN — Enfim, chegamos.

BOLINGBROK — Oh, *yes*, enfim! É uma *vergonhe estes barques* de vapor do *Bresil*. Tão porque, tão, tão, tão...

JOHN — Ronceira.

BOLINGBROK — *Ronceire?* Que quer *dize ronceire?*

JOHN — Vagarosa.

BOLINGBROK — *Yes*, vagarosa. John, você sabe mais *portuguesa* que *mim*.

JOHN — Você sabe muito bem, Bolingbrok, que, apesar de ser filho de ingleses, nasci no Brasil e nele fui criado; assim, não admira que fale bem a língua... Mas vamos ao que interessa.

BOLINGBROK — *Yes*, vamos *a* que interessa.

JOHN — Primeiro, vamos correr tudo para ver se encontramos nossas belas.

BOLINGBROK — Oh, *God!* Encontre *nosses beles...* *Mim* fica contente se encontre *nosses beles*. Oh, *God!*

JOHN — Já vejo, meu caro Bolingbrok, que você está completamente dominado. Eu me admiro com isso! Um homem como você, tão frio e calculista...

BOLINGBROK — Oh, *non, my dear*²! Este é um *error* muito... fundo... muito oco... *non, non!* Muito profundo... *yes...* muito profundo. *Minha* peito é *uma volcão, uma* barril de pólvora... Faltava só a faísca. *Miss Clarisse* é faísca, e *minha* peito fez, fez, fez bum!

JOHN — Explosão.

BOLINGBROK — *Yes, yes!* Explosão! *Mim* está *incêndio*.

²Não, meu querido!

JOHN — Você podia ter se atirado no mar.

BOLINGBROK — Oh, *non, non!* Mar, *non!* Primeiro quero casa com *my*³ Clarisse, senão eu *mata* a mim.

JOHN — Devagar, homem, e vamos nos entender.

BOLINGBROK — Oh, “*God*”!

JOHN — Há dois anos que você chegou da Inglaterra e se estabeleceu, na Bahia, em uma casa de consignação⁴, junto comigo. Temos sido felizes.

BOLINGBROK — *Yes!*

JOHN — Os negócios da nossa casa nos obrigaram a fazer uma viagem ao Rio de Janeiro. Há quinze dias que chegamos...

BOLINGBROK — *Yes!*

JOHN — E há oito que nossos negócios estão concluídos, e já estaríamos de volta se não fosse o amor que nos prende.

BOLINGBROK — Oh, *my* Clarisse, *my* Clarisse!

JOHN — Por uma feliz coincidência, que vai servir para unir mais nossa sociedade, amamos duas irmãs.

BOLINGBROK — Oh, *duas* anjos, John! *Duas* anjos *irmãos*...

JOHN — Antes de ontem, fomos, pessoalmente, pedi-las ao pai, que teve o desaforo de negar o seu consentimento, dizendo que não criou suas filhas para casar com ingleses.

BOLINGBROK — Oh, *goddam*⁵! *Atrevida!*

JOHN — Não se preocupe. Estamos nos acertando com elas, e hoje ele vai nos pagar.

BOLINGBROK — Oh, *yes!* *Paga, atrevida, paga!*

³ Minha.

⁴ Estabelecimento onde se vendiam escravos.

⁵ Palavra de uso informal na língua inglesa. Mesmo que *goddammed*, pode ser entendida neste contexto como “Maldito!”

As Casadas Solteiras

JOHN — Elas estão aqui desde manhã para assistir à festa. Logo vai ter fogos de artifício... Sempre há confusão... A barca estará na praia às nossas ordens, e mostraremos ao velho o que valem dois ingleses...

BOLINGBROK — *Yes! Vale muito, muito! Goddam!*

Cena III

Jeremias e os ingleses.

JEREMIAS, *entrando cauteloso* — Aqui não há ninguém para me perturbar.

JOHN, *para Bolingbrok* — Silêncio! (*Passeiam pela frente do tablado.*)

JEREMIAS, *à parte* — Quem serão estes dois? (*Aproximando-se deles.*) Percem ingleses... Tenho quase certeza. Quase certeza... É riqueza que não falta por aqui. Não gostam do Brasil, *Brésil non preste!* E vão chegando sempre mais para ganhar dinheiro...

BOLINGBROK, *para John* — *Yes.*

JEREMIAS, *à parte* — Não disse? São ingleses. Conheço um inglês a cem metros; basta que diga: *yes!* Vamos conhecê-los... (*Chegando-se para os dois*) *Good night*⁶.

BOLINGBROK — *Good night.* (*Continua passeando.*)

JEREMIAS, *seguindo* — Os senhores, pelo que vejo, são ingleses.

BOLINGBROK — *Yes.* (*Continua passeando.*)

JEREMIAS — Eu os conheci logo por causa do *yes*; e o senhor... Mas que vejo? John? Não me engano...

JOHN, *reparando nele* — Jeremias!

JEREMIAS — Você, no Rio de Janeiro, e em Paquetá, John? Quando chegou?

JOHN — Há quinze dias, e já tinha procurado

⁶“Boa-noite!”

você na sua antiga casa, e me disseram que tinha casado e mudado de endereço.

JEREMIAS — Disseram a verdade.

BOLINGBROK — Quem é este?

JOHN — Bolingbrok, apresento meu amigo Jeremias. **Frequentamos** o mesmo colégio aqui no Rio de Janeiro; sempre fomos amigos.

BOLINGBROK — Muito prazer, senhor. (*Dá a mão a Jeremias, aperta com força e sacode.*)

JOHN — Jeremias, meu sócio, *mister* Bolingbrok.

JEREMIAS, *sacudindo a mão de Bolingbrok com violência* — Muito prazer.

BOLINGBROK — Oh, chega, chega!

JEREMIAS, *para John* — Teu sócio fala português?

JOHN — Muito mal.

JEREMIAS — Nesse caso, eu vou falar inglês.

JOHN — Você sabe inglês?

JEREMIAS — De curiosidade... Você vai ver. (*Para Bolingbrok.*) *Good morning. How do you do? Very well! Give me some bread. I thank you.*⁷ Gato come frango. *I say...*

BOLINGBROK, *com frieza* — Muito bem, senhor! (*Dá as costas a Jeremias e vai passear.*)

JOHN, *rindo* — Você está muito adiantado...

JEREMIAS — Não falo como um inglês, mas consigo me virar.

JOHN — O mesmo Jeremias; sempre alegre e divertido.

JEREMIAS — Alegre, John? Não. Você não lembra mais que estou casado?

⁷ Em tradução livre: “Bom-dia! Como vai? Muito bem! Você me daria um pouco de pão? Agradeço.”

JOHN — E isso te entristece?

JEREMIAS — Você nem imagina.

JOHN — Onde está tua mulher?

JEREMIAS — Eu sei lá!

JOHN — Oh, excelente marido!

JEREMIAS — Soube ontem que hoje era festa de São Roque. De manhã muito cedo peguei a barca e escapei sem dizer nada. O que você queria? Não posso resistir a uma festa.

JOHN — E você deixou sua mulher só?

JEREMIAS — Tomara que ela me deixe só também. O que eu estou temendo é que ela apareça por aqui a qualquer momento... É muito capaz de fazer isso! John, Deus te livre de uma mulher como a minha.

BOLINGBROK, *correndo para John* — John, John! Vem ela, vem ela!

JEREMIAS, *assustando-se* — Minha mulher?

BOLINGBROK — Olha, John, olha! *God! Mim contente!*

Cena IV

Entram pela direita Virgínia e Clarisse.

JOHN — São elas!

JEREMIAS — Que susto eu tive! Pensei que era minha mulher.

JOHN — Virgínia!

BOLINGBROK — *My Clarisse!*

VIRGÍNIA — John!

CLARISSE — Bolimbroke!

BOLINGBROK — *By God*⁸!

JEREMIAS, *à parte* — Ué! As filhas do Narciso... Muito bem!

VIRGÍNIA — Senhor Jeremias!

CLARISSE — Ah!

JEREMIAS — Minhas senhoras!

JOHN, *para Jeremias* — Você conhece estas senhoras?

JEREMIAS — Se conheço! São minhas vizinhas.

JOHN — Jeremias, espero que você não nos traia. Estas meninas devem ser nossas esposas... E, como o pai não permite nosso casamento, estamos aqui para roubá-las, e as roubaremos.

JEREMIAS — Ora, isto vai à inglesa⁹... Dito e feito...

JOHN — Podemos contar com a sua cooperação?

JEREMIAS — Vocês vão se casar com elas?

JOHN — Juramos!

BOLINGBROK — *Yes! Jura!*

⁸ Por Deus!

⁹ Expressão que significa “de maneira discreta e rápida”.

JEREMIAS — Contem comigo. Tenho minhas rixas particulares com o pai, e a ocasião é boa para me vingar. O que querem de mim?

JOHN — Que você vigie para ele não nos surpreender.

JEREMIAS — Pronto! Dona Virgínia, Dona Clarisse, adeusinho. (*À parte.*) Ah, meu velhinho, você agora vai me pagar o nome de extravagante que sempre me deu... (*Sai pela direita.*)

Cena V

CLARISSE — Nós estávamos procurando vocês.

BOLINGBROK — *Yes!* Nós *está* aqui.

JOHN — Há meia hora que desembarcamos, e não sabíamos onde encontrar vocês.

VIRGÍNIA — Estávamos passeando bem perto daqui, e vimos vocês passarem na frente desta barraca. Entramos no meio do povo, fingimos estar perdidas e corremos ao encontro de vocês. O velho, a estas horas, deve estar a nossa procura.

BOLINGBROK — *Está* muito contente, *miss*, de *fala* com vocês. Muito contente, *miss*, muito *satisfeita*.

CLARISSE — Acredite que de minha parte também.

BOLINGBROK — *Yes!* Minha parte muito satisfeita! *Goddam!*

JOHN — Minha querida Virgínia, quanto sofro longe de ti!

BOLINGBROK — *My dear* Clarisse, eu *fica* doente longe de ti.

JOHN — Para mim, não há satisfação sem a tua companhia.

VIRGÍNIA — Sei o quanto me ama.

BOLINGBROK — Eu *está* triste como *uma* burro sem tua companhia.

CLARISSE — Conheço o quanto me estima.

JOHN — O sono fuge de meus olhos, e, se por alguns instantes durmo, sonho contigo.

BOLINGBROK — *Mim* não dorme mais... *Leva* toda a noite espirrando.

CLARISSE — Espirrando?

BOLINGBROK — *No, no*, suspirando. *Yes*, suspi-

rando.

JOHN — Quando me lembro que talvez viva sem ti, quase enlouqueço... desespero.

BOLINGBROK — Quando *mim* lembra *vive* sem ti... Oh, *goddam!* *Mim* fica *danada*. *By God!* *Yes*, fica muito... muito... *Yes*.

VIRGÍNIA — Meu caro John, não duvido um instante do teu amor.

JOHN — Querida Virgínia!

CLARISSE — Certa desse amor, com amor te pago.

BOLINGBROK — *My* Clarisse, *my* Clarisse!

JOHN — Mas isto não pode ficar assim muito tempo.

BOLINGBROK — *No, no, non* pode *dura*.

JOHN — Teu pai ainda se opõe à nossa união?

VIRGÍNIA — Ainda. Ele diz que odeia os ingleses pelos males que têm causado ao nosso povo, e principalmente agora, que querem nos tratar como piratas.

BOLINGBROK — Piratas, *yes*. Piratas. *As brasileiras é* piratas... Enforca eles...

CLARISSE, *afastando-se* — Ah, somos piratas?

VIRGÍNIA — Muito obrigada...

BOLINGBROK — *No, no, miss...* Eu fala só *das brasileiras* machos...

CLARISSE — São meus patrícios¹⁰.

BOLINGBROK — *As machos... eu não gosta* deles. *As brasileiras*, mulheres, *yes...* Esta é bela... é doce como *sugar*¹¹...

¹⁰ Nascidos na mesma pátria (no caso, o Brasil).

¹¹ Açúcar.

JOHN — Cale a boca, Bolingbrok, estás dizendo besteiras.

BOLINGBROK — *Yes, mim diz besteiras... Mim é cavalo, quando está junto de vocês. (Aqui entra pela direita Narciso.)*

VIRGÍNIA — É preciso termos cuidado.

NARCISO — Está muito bonito! Muito bonito! *(Espanto dos quatro.)*

JOHN — Diabo!

BOLINGBROK — *Goddam!*

VIRGÍNIA e CLARISSE — Meu pai! *(Ao mesmo tempo.)*

NARCISO — Por isso é que se perderam de mim? Que pouca vergonha! Conversando com dois homens...

JOHN — Senhor, isto não teria acontecido se tivesse nos dado a mão de suas filhas.

NARCISO — Ah, são os senhores? É o que me faltava: casá-las com ingleses! Antes com o diabo!

JOHN — Senhor!

BOLINGBROK — Senhor!

NARCISO — O que é? *(Para as duas.)* Andem! Na minha frente! Andem!

JOHN — Virgínia, conta comigo. Apesar desse velho insensato, você vai ser minha.

BOLINGBROK — *My Clarisse, há de ser mulher a mim, mesmo que este velho macaco non quer.*

NARCISO — Macaco? Inglês de nada!

BOLINGBROK — Macaco *fica* zangado? *Mim* está contente de *chama* macaco.

NARCISO, *tomando as moças pelos braços* — Vamos, senão faça alguma loucura. *(Sai levando as duas.)*

Cena VI

BOLINGBROK, *segundo Narciso* — *Mim* está contente *chama macaco. (Gritando.) Macaco!*

JOHN — Deixa, Bolingbrok.

BOLINGBROK, *voltando* — *Mim* está *satisfeita. Macaco!*

JOHN — Vejamos o modo de ensinarmos a este velho e nos vingarmos.

BOLINGBROK — *Yes.*

JOHN — Não tive tempo de dizer a Virgínia que tínhamos uma embarcação às ordens. Agora será difícil fazermos com que ela saiba disso. Maldito Jeremias, que não soube vigiar o velho!

BOLINGBROK — *Mim* dá uma roda de soco nele quando *aparece.*

Cena VII

Jeremias entrando.

JEREMIAS — John? John?

JOHN — Nós estamos muito agradecidos a você.

BOLINGBROK — *Mim quer joga soco.*

JEREMIAS — Hein? O que é isso?

JOHN — Você deixou que o velho nos surpreendesse.

BOLINGBROK — *Mim quer jogar soco, senhor.*

JEREMIAS — Não tive culpa. Estava alerta, com todo o cuidado no velho, quando passou por perto de mim, e sem me ver, uma mulher... E assim que percebi que ela estava a três passos perto de mim, fugi...

BOLINGBROK, *gritando* — *Mim quer joga soco, senhor!*

JEREMIAS — Pois tome! (*Dá-lhe um soco.*)

BOLINGBROK — *Goddam! (Dá um soco em Jeremias, que responde.)*

JOHN, *metendo-se no meio* — Então, o que é isso? Jeremias? Bolingbrok?

BOLINGBROK — Deixa, John!

JEREMIAS — Maluco! *I say... drink the rum*¹²...
Chega, senão te dou um tabefe!

JOHN — Não sejam crianças! (*Para Jeremias.*)
Não ligue para isso. (*Para Bolingbrok.*) Fique quieto.

BOLINGBROK — *Mim não quer mais joga soco.*

JEREMIAS — *Mim também não quer mais jogo...*
(*Bolingbrok passeia de um lado para outro.*)

¹² Em tradução livre: “Beba o rum”. Mais adiante no texto, há uma cena em que Bolingbrok coloca bebida alcoólica no café.

JOHN — Teu descuido nos prejudicou muito.

JEREMIAS — Já te disse que estava alerta, mas a mulher...

JOHN — Mas quem é a mulher?

JEREMIAS — A minha! A minha! Pensei ver o diabo, e isto me fez perder a cabeça... Abandonei o posto, e você foi surpreendido.

JOHN — E assim nosso plano foi completamente desarranjado.

JEREMIAS — Por quê?

JOHN — Não tivemos tempo de comunicar às nossas amantes o nosso plano. Agora vai ser difícil lhes falar. O velho está desesperado!

JEREMIAS — Lembro-me de um detalhe...

JOHN — Qual é?

JEREMIAS — Nesta barraca tem um francês que, para enganar o público e ganhar dinheiro, vai se vestir de mágico a fim de predizer o futuro, fazer adivinhações e sortes, etc. Entra você, dá-lhe um dinheiro — esta gente faz tudo por dinheiro, **veste-se** com as suas roupas e, assim disfarçado, talvez consiga falar com a moça.

JOHN — Excelente, amigo! (*Abraça-o.*)

JEREMIAS — O que você acha? Não é bem lembrado? Ó, diabo! (*Olhando para a esquerda, ao fundo.*)

JOHN — O que é?

JEREMIAS, *escondendo-se por detrás de John* — Minha mulher que vem ali! Não diga nada a ela, nada... (*Vai levando John para o lado direito, encobrindo-se com seu corpo.*)

JOHN — Espera, homem! Onde está me levando?

JEREMIAS, *junto dos bastidores* — Adeus. (*Sai.*)

Cena VIII

John, Bolingbrok e depois Henriqueta.

JOHN — Ah, ah! Que medo o Jeremias tem da mulher! Bolingbrok, vem cá. Estamos salvos!

BOLINGBROK — *Salva? (Aqui aparece no fundo Henriqueta, e encaminha-se para frente.)*

JOHN — Jeremias me ensinou o meio de nos comunicarmos com nossas amantes.

BOLINGBROK — Agora *mim* tem pena de ter dado o soco... *(Henriqueta se aproxima.)*

JOHN — O plano não pode falhar. Jeremias teve uma lembrança magnífica.

HENRIQUETA, *à parte* — Falam em Jeremias...

BOLINGBROK — Quando *encontra* ele dá um abraço.

HENRIQUETA — Ao seu dispor...

BOLINGBROK — Viva!

JOHN — Minha senhora...

HENRIQUETA — Desculpem-me, meus senhores, se os interrompo, mas como ouvi que falavam no Sr. Jeremias...

JOHN — Conhece-o?

HENRIQUETA — Sim, senhor. É meu marido.

JOHN, *à parte* — É ela! *(Alto.)* Muita honra tenho em conhecer a senhora... Seu marido é um belo moço.

HENRIQUETA — É verdade. *(À parte.)* Canalha, se o encontro...

BOLINGBROK — Ah, a *good boy*¹³.

¹³ Um bom rapaz.

HENRIQUETA — O que o senhor está dizendo?

BOLINGBROK — Eu *fala* de *sua* marido... *A good boy.*

HENRIQUETA, *à parte* — Ora! (*Para John.*) Se quisesse ter a bondade de me dizer onde posso encontrá-lo...

JOHN — Pois não, minha senhora; ainda há pouco ele esteve aqui e se dirigiu para este lado. (*Aponta para a esquerda.*)

BOLINGBROK — *No, no*, John!

JOHN — Sim, sim, foi para este lado. (*Para Bolingbrok.*) *Take your tongue.*¹⁴

BOLINGBROK — *Yes*, foi *esta* lado... (*Henriqueta sai.*)

¹⁴ Em tradução livre: “Segure sua língua!”



Barraca
Adivinha

Cena IX

JOHN — Agora vamos tratar de nós; vamos colocar em execução o plano de Jeremias. Preste atenção no movimento, enquanto eu entro na barraca.

BOLINGBROK — Para quê, John?

JOHN — Você vai saber. (*Entra na barraca.*)

Cena X

BOLINGBROK, *só* — John vai fazer besteira... *Mim* não sabe o que ele quer... Não importa; rouba *my* Clarisse e fica contente. Velho macaco está zangado. *By God!* Inglês faz tudo, pode tudo; está muito *satisfeita*. (*Esfregando as mãos.*) Inglês não deixa *brinca* com ele, *no!* Ah, Clarisse, *my dear*, *mim* será tua *marida*. *Yes!*

VOZES, *dentro* — Lá vai a máquina, lá vai a máquina!

BOLINGBROK — Máquina? Oh, este é belo, lá vai a máquina!

Cena XI

Entram Narciso, Clarisse, Virgínia e o povo, olhando para uma máquina que atravessa no fundo do teatro.

TODOS — Lá vai a máquina, lá vai a máquina!

BOLINGBROK, *correndo para o fundo* — Máquina, máquina! (*A máquina desaparece, e todos ficam em cena como se estivessem olhando para ela.*)

Cena XII

Entra John pela barraca, vestido de mágico, trazendo na mão uma buzina. John toca a buzina.

TODOS — O mágico! O mágico!

JOHN — Aproximem-se todos! Aproximem-se todos! (*Todos se aproximam.*) O futuro é de Deus! O céu é a página de seu imenso livro, e os astros, os caracteres de sua ciência; e quem lê os astros conhece o futuro... o futuro! Homens e mulheres, moços e velhos, não querem conhecer o futuro de vocês?

TODOS — Eu quero! Eu quero!

JOHN — Silêncio! A inspiração se apodera de mim, a verdade brilha nos meus olhos, e o porvir se desdobra diante de mim!

NARCISO, *à parte* — Tenho vontade de **confundi-lo**. (*Alto.*) Senhor mágico, desejo saber se pela minha fisionomia pode saber quem eu sou.

JOHN — Aproxime-se. Este olhar de porco... estas orelhas de burro pertencem a Narciso das Neves.

TODOS — Oh!

NARCISO — Sabe meu nome e sobrenome!

JOHN — Não descubro nenhuma qualidade boa em você; só vejo vícios... Você é avarento, grosseiro, cabeçudo, egoísta...

TODOS, *riem* — Ah, ah, ah!

NARCISO — Basta, basta, diabo!

JOHN, *para Clarisse* — E você, minha menina, não quer saber nada?

CLARISSE — Eu, senhor?

VIRGÍNIA — Vai, não tenha medo.

JOHN — Mostre sua mão. (*Examinando sua mão e falando-lhe mais baixo.*) Esta linha me diz que teu coração não está livre. Aquele que você ama não é da tua nação, mas é um homem honrado e leal; nele você pode confiar.

CLARISSE — E você vê tudo isto em minha mão?

JOHN — Céus!

CLARISSE — Senhor!

JOHN — Esta outra linha me faz conhecer que existe um grande obstáculo à união de vocês; é preciso superá-lo, seguir aquele que você ama; do contrário, vai acabar em um convento.

CLARISSE — Em um convento? Morrer solteira?

JOHN — O destino fala por meus lábios; pense e decida.

CLARISSE — Meu Deus!

VIRGÍNIA — Clarisse, o que você tem, que ele disse a você?

CLARISSE — A mim? Nada, nada. (*À parte.*) Meu Deus!

JOHN, *para Henriqueta* — E você, pobre abandonada, quer que diga o futuro?

HENRIQUETA — Abandonada? A primeira palavra é uma verdade... Diz o que devo esperar no mundo.

JOHN — Não quer primeiro que diga onde está o infiel?

HENRIQUETA — Oh, diz!

JOHN — Dentro de uma hora você o encontrará aqui.

HENRIQUETA — Aqui?

JOHN — Sim.

HENRIQUETA — Mil graças, senhor mágico. (*À parte.*) Ah, Jeremias da minha alma, se te pego...

VIRGÍNIA — Agora eu.

JOHN, *tomando pela mão e conduzindo-a à parte* — Sim, agora tu, minha Virgínia, minha Virgínia a quem amo...

VIRGÍNIA — Ah, o que estou ouvindo?

NARCISO — Ei! Que é isso?

JOHN — Silêncio!

NARCISO — Isso é demais, é...

JOHN — Silêncio!

TODOS — Silêncio!

JOHN — Cale a boca, velho insensato! Vê aquela estrela? (*Olham todos.*) Governa o destino desta jovem. Olhem todos se a estrela se empalidece, olhem! (*Narciso fica olhando para a estrela.*)

JOHN, *à parte* — Minha Virgínia!

VIRGÍNIA — É você, John?

JOHN — Enquanto estiverem distraídos com os fogos, vem falar comigo; vou estar aqui à tua espera.

VIRGÍNIA — Sim.

NARCISO, *olhando para a estrela* — Empalidece o quê! Nada! Isto não está bom... Virgínia, venha para cá; isso parece malandragem.

JOHN — Quem mais quer saber do futuro?

VOZES — Eu! Eu! Eu!

JOHN — Aproxime-se um de cada vez. (*Aqui ouve-se dentro um estrondo de bomba.*)

VOZES — Começaram os fogos de artifício! Vamos ver o fogo! (*Saem todos correndo pela direita, em confusão.*)

NARCISO, *levando as filhas pela mão* — Vamos, vamos ver os fogos! (*Saem.*)

Cena XIII

John e Bolingbrok.

JOHN — Bravo, tudo está resolvido!

BOLINGBROK — John, *mim* não entende nada. Que isto quer *dize*?

JOHN — Espere um instante, que você vai saber tudo. (*Entra na barraca.*)

Cena XIV

BOLINGBROK, *só* — John é diabo. Eu *está perdida*. John? John? *Goddam!* Oh, *minha* coração está muito fraco, muito queimado por minha Clarisse... Eu *vai ataca* foguetes para ela ver. John? John?

JOHN, *entrando no palco, já sem a roupa de mágico* — Silêncio, Bolingbrok, elas não demoram.

BOLINGBROK — Elas?

JOHN — Sim, nossas amantes; para fugir conosco.

BOLINGBROK — Oh, Oh! *By God!* *Mim está* muito *satisfeita*.

Cena XV

Entram pela direita Virgínia e Clarisse.

VIRGÍNIA — John!

CLARISSE, *ao mesmo tempo* — Bolingbrok!

JOHN, *indo ao encontro de Virgínia* — Minha Virgínia!

BOLINGBROK, *indo ao encontro de Clarisse* — My Clarisse!

VIRGÍNIA — Meu pai ficou entretido com os fogos!

JOHN — A embarcação está perto daqui; vamos...

VIRGÍNIA — A você me entrego.

BOLINGBROK — *My dear, let us go*¹⁵... (*Saem pelo fundo à esquerda.*)

¹⁵ Em tradução livre: “Minha querida, vamos...”



Cena XVI

Jeremias entra pela esquerda baixa.

JEREMIAS — Já não estou muito bem aqui; temo encontrar a fúria de minha mulher por toda parte. Quero ver se me salvo com John para a cidade. John? John?

HENRIQUETA, *entra pela direita alta* — Aqui devo encontrá-lo, disse o mágico...

JEREMIAS, *sem ver Henriqueta* — Onde estará o maldito?

HENRIQUETA, *vendo-o* — Aí está ele! Oh, canalha! (*Vem-se aproximando de Jeremias sem ser vista.*)

JEREMIAS — Se ela me encontra, estou perdido; ela anda à minha procura, não há dúvida. Ah, centopeia do diabo! (*Aqui atacam bombas dentro, e o teatro fica iluminado pelo clarão do fogo. Henriqueta, que nesse tempo está junto de Jeremias, dá-lhe uma bofetada que o atira no chão.*) Oh, que bomba!

HENRIQUETA — É uma girândola¹⁶, canalha! (*Jeremias se levanta apressado e corre para o fundo, e Henriqueta o segue. Henriqueta, correndo.*) Espera, canalha, espera! (*Saem correndo e desce o pano.*)

Fim do primeiro ato.

¹⁶ Roda onde são postos foguetes para serem queimados ao mesmo tempo.

Ato Segundo

A cena se passa na Bahia. O teatro representa uma sala; portas laterais, e no fundo duas janelas; mesa e cadeiras.

Cena I

Virgínia e Clarisse.

VIRGÍNIA, *entrando pela direita* — Isto é um horror!

CLARISSE, *acompanhando-a* — É uma infâmia!

VIRGÍNIA — Tratar assim a nós, suas legítimas mulheres? E então, Clarisse?

CLARISSE — E você, que me diz, Virgínia?

VIRGÍNIA — Quem podia prever tudo isto?

CLARISSE — Pareciam tão submissos e respeitossos, lá no Rio de Janeiro! Que mudança!

VIRGÍNIA — E casamos por inclinação...

CLARISSE — Este é o nosso castigo, minha cara irmã. Fugimos da casa de nosso pai... Por mais que queira me convencer, foi um mau passo que demos.

VIRGÍNIA — Quem poderia prever que eles fossem ingratos? Pareciam tão sinceros e amantes...

CLARISSE — É verdade. E, no entanto, há apenas dois meses que estamos casadas e já experimentamos todas as contrariedades que o casamento traz consigo.

VIRGÍNIA — As contrariedades do casamento nada seriam; eu contava com elas, razoavelmente falando. Porém o que mais me desespera é ter de aturar as manias inglesas de nossos caros maridos... Ontem, o

As Casadas Solteiras

meu quis que eu comesse, por força, rosbife quase cru.

CLARISSE — E o meu, que eu engolissem metade de um *plum-pudding*¹⁷ horroroso.

VIRGÍNIA — Teimou comigo boa meia hora para que eu bebesse um copo de cerveja. Prrr... que bebida diabólica!

CLARISSE — E eu me vi obrigada a beber um copo de ponche¹⁸ deste tamanho, que deixou minha cabeça pelos ares!

VIRGÍNIA — O que mais me mortifica é que o Sr. Jeremias está presenciando tudo isto e que vá contar quando voltar para o Rio.

CLARISSE — E que remédio? Vamos preparar o chá, que nossos senhores não demoram.

VIRGÍNIA — Eu não! Eles que preparem! Não sou escrava; não faço mais nada, não quero! (*Batendo o pé.*)

¹⁷ Doce tradicional inglês.

¹⁸ Bebida de baixo teor alcoólico.

Cena II

Jeremias, Clarisse e Virgínia.

JEREMIAS, *entrando pela direita e falando para dentro* – Já volto, já volto, abram o champanhe! (*Para a cena.*) Os diabos destes ingleses bebem como uma esponja! (*Vendo as duas.*) Oh, por que deixaram a mesa na melhor ocasião, quando se ia abrir o champanhe?

CLARISSE — Não gosto de champanhe.

VIRGÍNIA — Nem de vinho nenhum.

JEREMIAS — Não gostam de champanhe, desse vinho divino e sem igual? Oh, minhas queridas, isso é falta de gosto! Pif! Paf! Poum! Psss!...

VIRGÍNIA — E o Sr. Jeremias, por que não ficou lá, bebendo?

JEREMIAS — Porque tinha que falar a vocês.

BOLINGBROK, *dentro* — Jeremias?

CLARISSE — Olha, estão te chamando.

JEREMIAS, *respondendo a Bolingbrok* — Já vou, e bebam enquanto eu não chegar. (*Para as duas.*) Assim, vão esperar com paciência.

VIRGÍNIA — Mas o que quer nos dizer?

JEREMIAS — Esta noite temos a primeira representação da Sonâmbula, pela Companhia Italiana. Dizem que a Mugnai e a Bocomini vão disputar a audiência; e depois da reprovação do público outro dia, é natural que haja coisas boas.

CLARISSE — Oh, se pudéssemos ir...

VIRGÍNIA — Seria muito bom, mas é certo que não conseguiremos.

JEREMIAS — E por que não?

VIRGÍNIA — Os nossos tiranos não permitirão.

JEREMIAS — Oh, isso veremos! Vocês me dão o seu

consentimento para que consiga a permissão?

CLARISSE — Não, não! Deixe o caso por nossa conta. Fazendo o pedido a eles assim, de surpresa, são capazes de negar... Estou certa que negarão. Melhor é convencê-los pouco a pouco.

VIRGÍNIA — Clarisse tem razão. Com carinhos, obediência e meiguice, talvez possamos conseguir alguma coisa.

JEREMIAS — Tempo perdido... Pérolas aos porcos! Meiguices não são para ingleses; é bom para nós.

VIRGÍNIA — Deixe o caso por nossa conta.

BOLINGBROK, *dentro* — Jeremias?

JEREMIAS — Já vou, inglês do diabo!

CLARISSE — Vá, vá e tenha cuidado para que eles não bebam muito.

VIRGÍNIA — Senão, não nos ouvem, pegam no sono, e adeus Sonâmbula.

BOLINGBROK, *dentro* — Jeremias?

JEREMIAS — Até mais, até mais! (*Vai saindo, cantando.*) *God save the King!*¹⁹ ... (*Sai.*)

¹⁹ Referência ao hino nacional inglês.

Cena III

VIRGÍNIA — Mana Clarisse, é preciso nos fazer de amáveis.

CLARISSE — Muito amáveis!

VIRGÍNIA — Preparemos primeiro o chá.

CLARISSE — Diz bem. *(De uma mesa que está no fundo, trazem para a que está no meio da sala todos os preparos do chá.)*

VIRGÍNIA, *enquanto preparam o chá* — Que remédio nós temos? Querem assim iludidos... *(Chamando.)* Tomás? Tomás?

CLARISSE — Pior para eles... Que culpa nós temos? *(Aqui entra um criado inglês.)*

VIRGÍNIA — Traz água quente para o chá. *(O criado sai.)*

CLARISSE — As xícaras estão prontas.

VIRGÍNIA — Jesus! Ia me esquecendo a aguardente, ou o rum, como eles chamam. *(Vai buscar sobre a mesa do fundo um frasco com rum.)*

CLARISSE — E esse esquecimento colocaria tudo a perder... *(Entra o criado com uma chaleira com água quente.)* Dá aqui. *(Coloca água no bule.)* Leva. *(O criado sai com a chaleira.)*

VIRGÍNIA — Agora creio que não falta nada.

CLARISSE — Vamos nos vestir e nos pentear.

VIRGÍNIA — Sim, sim! Vamos nos fazer bonitas, para melhor seduzir. Aí vêm eles. *(Saem ambas, apressadas.)*



Cena IV

Jeremias e depois John e Bolingbrok.

JEREMIAS, *entrando* — Não posso beber mais. Sai para lá, diabo! Se demoro mais tempo à mesa, acabo tendo uma combustão espontânea... Irra, como bebem esses meus dois “ínglis”!

JOHN, *entrando* — Você abandona assim o campo?

BOLINGBROK, *entrando* — Jeremias está fraco, tem cabeça mole; não pode!

JEREMIAS — Sim, se eu fosse como os senhores, acostumados desde criança a beber cerveja...

BOLINGBROK — *Porter*²⁰.

JEREMIAS — *Yes, porter.*

JOHN — Vamos ao chá. (Sentam-se à mesa.)

BOLINGBROK — Jeremias tem medo *da* vinho; gosta de água... É uma pata.

JEREMIAS — Pata será ele.

BOLINGBROK — Pata! Ah, ah! (*Rindo.*) Pata, *yes!*

JEREMIAS — Você nunca conseguirá aprender a língua.

JOHN — Queres chá?

JEREMIAS — Sim. (*Servem-se de chá e continuam a falar, bebendo.*)

JOHN — Tem recebido cartas do Rio?

JEREMIAS — Não, e nem ligo.

JOHN — Isso se chama descuido e indiferença.

BOLINGBROK — *Descuida, yes.*

JEREMIAS — O que você quer? Sou assim. Também por descuido foi que me casei.

²⁰ Cerveja escura.

JOHN — Vê lá, Bolingbrok, como são os brasileiros, quando tratam de seus interesses relativos a dinheiro. Jeremias vendeu tudo quanto tinha: uma fazenda de açúcar que lhe deixou o pai...

JEREMIAS — Não rendia nada; tudo era para os escravos comerem e muitos morrerem.

BOLINGBROK — Porque não *sabe trabalha*.

JOHN — Vendeu duas belas propriedades de casa...

JEREMIAS — Das quais estava sempre mandando consertar os telhados, por pedido dos inquilinos. Só nisso iam embora os aluguéis.

JOHN — E sabe você, Bolingbrok, o que ele fez de todo esse capital?

BOLINGBROK — Diz.

JOHN — Gastou metade em bailes, passeios, caruagens, cavalos...

BOLINGBROK — Oh!

JOHN — E a outra metade emprestou a juros.

BOLINGBROK — *Este* está bom; boa firma, *jura* doze *per* cento...

JEREMIAS — Que doze, homem!

BOLINGBROK — *Quante?*

JEREMIAS — A oito por cento ao ano.

BOLINGBROK — Oh, Jeremias está doido! A oito *per* cento? Oh!

JOHN — Assim é que se estraga uma fortuna.

BOLINGBROK — Brasileiros *sabe* mais *gasta* do que *ganha*.

JEREMIAS — Ora, mas o que é isso! A vida é curta e é preciso aproveitá-la.

JOHN — E, depois dessa criancice, veio aqui para a Bahia e deixou a mulher no Rio de Janeiro.

JEREMIAS, *para Bolingbrok* — Isto também é loucura?

BOLINGBROK — Depende... Quando mulher é má, deixa *ela*; quando é boa, *pega nela*.

JEREMIAS — Pega nela, *yes!* Mas como a minha era o diabo com saia, eu *deixa* ela.

BOLINGBROK — “*Yes!*”

JEREMIAS — Oh, John, oh, Bolingbrok, se eu tivesse uma mulher como as dos senhores, então... Que anjos, que docilidade! Eu, se eu fosse qualquer de vocês, não negava a elas nem coisas pequenas. (*À parte.*) É preciso prepará-los. (*Alto.*) Oh, eu julgo os senhores incapazes de tratá-las mal! Nem me passa isso pela cabeça.

BOLINGBROK — *Mim* não nega coisa razoável. (*Levanta-se.*)

JOHN — Nem eu. (*Levanta-se.*)

JEREMIAS, *levantando-se e à parte* — Não gostaram do conselho... (*Alto.*) Enfim, cada um faz o que entende.

BOLINGBROK — *Yes.*

JEREMIAS — Até logo, John, tenho muito que passear, e é tarde. *Farewel, my dear Bolingbrok. How do you do? Give me some bread. I thank you*²¹. Hein? O que diz desta bela pronúncia? Até logo. (*À parte.*) É preciso deixá-los com as mulheres... (*Alto.*) Adeus! Sejam amáveis. (*Sai cantando.*)

²¹ Em tradução livre: “Como vai? Você me daria um pouco de pão? Agradeço”.

Cena V

Bolingbrok e John.

BOLINGBROK, *passeando* — Mim está desconfiado...

JOHN — Será que nossas mulheres se queixaram a Jeremias?

BOLINGBROK — *Mim* pensa... Clarisse quer passeia, quer dança, quer *theater*²², e *mim* não pode, *mim* não quer...

JOHN — E você faz bem. De que servem tantas festas, a não ser para perdição das mulheres?

BOLINGBROK — John, eu não *quer perde* Clarisse, mas eu *está* muito *aflita*... Clarisse está *zangado comiga*.

JOHN — Não ligue para isso; os desentendimentos fazem a reconciliação agradável.

BOLINGBROK — Oh, mas palavra de amor é tão doce, e palavra de briga é tão, tão *repiada*...

JOHN — Bolingbrok, meu caro sócio, desconfie sempre de três qualidades da mulher: primeiro, das que são só palavras: meu amorzinho, meu bem, meu ladrãozinho, e acariciam as suas faces com a mão; segundo, das que rodeiam de atenções e cuidados quando você está se vestindo para sair; e terceiro, das que fazem presentinhos de suspensórios bordados, bolsa para relógio, paninhos para barba, etc. É que querem assim causar surpresas agradáveis. Desconfie dessas, sobretudo. De surpresa em surpresa, atiram o homem no inferno...

²² Teatro.

Cena VI

Virgínia, Clarisse e os maridos.

VIRGÍNIA, *à porta e à parte para Clarisse* — Aí estão eles! Vamos experimentar. (*Encaminham-se para os dois.*)

BOLINGBROK — Oh, oh, John, eu me lembrarei, John... *Minha* amorzinho, *minha* ladrãozinho, não quer... *Ni* presentes, *ni* carinhas... Oh, *non!*

VIRGÍNIA, *tomando John pelo braço* — Meu bom maridinho!

JOHN — Ah, é você, Virgínia?

CLARISSE, *tomando Bolingbrok pelo braço* — Meu amorzinho!

BOLINGBROK — Clarisse! (*À parte.*) Disse: *minha* amorzinho...

VIRGÍNIA, *para John* — O chá estava bom?

JOHN — Não achei mau.

CLARISSE, *para Bolingbrok* — Gostou do chá, meu ladrãozinho?

BOLINGBROK, *à parte* — Oh, *minha* ladrãozinho!...

VIRGÍNIA, *para John* — Você não vai passear hoje?

JOHN — Oh, quanta atenção!

CLARISSE — Você não vai passear? (*Passando a mão pela sua barba.*)

BOLINGBROK — Oh!

VIRGÍNIA — O que você tem, John? Estou achando você assim, não sei como...

JOHN — Nada, nada, absolutamente!

CLARISSE, *para Bolingbrok* — Por que o espanto?

BOLINGBROK, *à parte* — Oh, só falta *suspensórias* bordada!

VIRGÍNIA — John, queria pedir um favor a você...

JOHN — Diga.

CLARISSE — Eu também a você...

BOLIGBROK — Fala.

VIRGÍNIA — Se você fosse tão bom...

CLARISSE — Tão amável...

VIRGÍNIA — A ponto de prometer que hoje...

JOHN — O quê?

VIRGÍNIA — Oh, mas você não terá a crueldade de me dizer que não...

CLARISSE — Nem você, minha vida, terá a barbaridade de recusar um pedido meu...

JOHN — Vamos, digam.

BOLINGBROK — Eu *está* esperando.

CLARISSE — Queríamos hoje ir... Diz você, Virgínia.

VIRGÍNIA — Ir ao teatro. Sim?

JOHN — Não pode ser. (*Afastando-se dela.*)

BOLINGBROK — *Non, non* pode! (*Afastando-se dela.*)

VIRGÍNIA — Ah, então não permite?

JOHN — Não é possível.

CLARISSE — Recusa?

BOLINGBROK — *No, non* recusa... *Permite* a vocês a permissão de não ir ao teatro...

VIRGÍNIA — Assim morreremos neste insuportável cativo!

JOHN — Virgínia!

CLARISSE — Isto não é digno! (*Chora.*)

BOLINGBROK — Clarisse!

VIRGÍNIA — Meu Deus, meu Deus, como sou desgraçada! (*Chora.*)

JOHN — Tenha juízo, senhora!

CLARISSE — Como sou infeliz! (*Chora.*)

BOLINGBROK — *My* Clarisse é criança?

VIRGÍNIA, *decidida* — Oh, mas isto não pode ficar assim; vai ter de mudar, senão...

CLARISSE, *decidida* — Sim, é preciso que isto mude,

ou eu...

JOHN — Ameaçam?

BOLINGBROK — *Essa tom?*

CLARISSE — É o tom que nós queremos.

VIRGÍNIA — E o que usaremos daqui em diante.

JOHN — E pretende assim me obrigar a levá-la ao teatro?

BOLINGBROK — Pensa que assim obriga a *mim*, senhora?

VIRGÍNIA — Então não sairemos mais de casa?

JOHN — Não!

BOLINGBROK — *No!*

CLARISSE — Que inferno!

VIRGÍNIA — Muito bem! E, durante o tempo que ficamos em casa, os senhores andarão por esses hotéis, bailes, casas de espetáculo e teatros, divertindo-se e bebendo...

JOHN — Virgínia!

CLARISSE — E a fumarem por essas ruas.

BOLINGBROK — Eu *fuma* aqui mesmo, senhora; sou capaz de *fuma* aqui mesmo.

VIRGÍNIA — Então não sairemos?

CLARISSE, *raivosa, ao mesmo tempo* — Não sairemos?

JOHN — Não! (*Chamando.*) Tomás?

BOLINGBROK, *ao mesmo tempo* — *No!* (*Chamando.*) Tomás? (*Entra o criado.*)

JOHN — Meu chapéu.

BOLINGBROK, *ao mesmo tempo* — *Minha* chapéu.

VIRGÍNIA e CLARISSE — Meu Deus! (*Vão cair desmaiadas nas cadeiras.*)

BOLINGBROK, *querendo socorrer Clarisse* — *My Clarisse!*

JOHN, *segurando-o* — O que está fazendo? Elas vão se recuperar. (*Entra o criado com os chapéus.*)

BOLINGBROK — Pode *morre*, John.

As Casadas Solteiras

JOHN — Não morrem. (*Para o criado.*) Dá aqui o chapéu... Toma o teu, e vamos para os hotéis, como estas senhoras disseram. (*Tomando-o pelo braço e obrigando-o a segui-lo*) Vamos. (*Saem pela esquerda; logo que chegam junto à porta, Virgínia e Clarisse levantam das cadeiras.*)

VIRGÍNIA, *levantando-se* — Bárbaros!

CLARISSE, *levantando-se, ao mesmo tempo* — Desumanos!

BOLINGBROK, *da porta* — Oh, está viva!

JOHN — Não te disse? (*Os dois riem às gargalhadas e saem.*)

Cena VII

VIRGÍNIA, *chegando à porta por onde eles saíram* — Malcriados!

CLARISSE, *no mesmo tom* — Grosseirões!

VIRGÍNIA — E então?

CLARISSE — E então?

VIRGÍNIA — Pois, como não quer que eu passeie, vou ficar à janela e namorar a torto e a direito²³... Vou mostrar! (*Vai para a janela.*)

CLARISSE — Mas cuidado para que ele não te veja. O melhor é termos paciência.

VIRGÍNIA — Tenha você, que eu não terei.

CLARISSE, *sentando-se* — Faz o que quiser. Enfim, assim quisemos, assim temos... A nossa fugida ia dar em alguma... Ai, ai, quem poderia adivinhar!

VIRGÍNIA — Clarisse, Clarisse, vem cá! Vem cá depressa!

CLARISSE — O que é?

VIRGÍNIA — Corre! (*Clarisse vai para junto de Virgínia.*) Quem é aquela que vai ali?

CLARISSE — Aquela?

VIRGÍNIA — Sim... Talvez me engane... É quase noite, e não posso ter certeza.

CLARISSE — Parece, pelo corpo e andar, a Henriqueta.

VIRGÍNIA — É isso mesmo que eu pensava.

CLARISSE — É ela, é!

VIRGÍNIA, *chamando* — Pziu! Pziu! Henriqueta!

CLARISSE — Não grite tanto!

²³ Namorar muito.

As Casadas Solteiras

VIRGÍNIA — Somos nós! Ela nos ouviu; aí vem ela. Sim, sim, entra, entra, sou eu e minha irmã. (*Saindo ambas da janela.*)

CLARISSE — Henriqueta, aqui pela Bahia? O que faz?

VIRGÍNIA — Não adivinha? Vem atrás do marido.

CLARISSE — Que casal também esse...

Cena VIII

Henriqueta e as irmãs.

VIRGÍNIA — Henriqueta! (*Abraçando-a.*)

HENRIQUETA — Minhas caras amigas!

CLARISSE — Você por aqui, Henriqueta?

HENRIQUETA — Cheguei esta manhã mesmo no vapor, e me alegro muito de ter encontrado vocês. Poderiam me ajudar no assunto que me trouxe à Bahia?

VIRGÍNIA — Qual é ele?

CLARISSE — Conte conosco.

HENRIQUETA — Venho à procura de meu marido, que há mês e meio me abandonou.

CLARISSE — Ele te abandonou?

HENRIQUETA — Sim, sim, e partiu para a Bahia. Um mês depois é que soube que ele estava aqui, e logo me coloquei a caminho.

VIRGÍNIA — Pobre Henriqueta!

CLARISSE — Em que destino vive por causa de um ingrato!?

HENRIQUETA — Vocês não o viram?

VIRGÍNIA — Se o vimos...

CLARISSE — E há bem pouco tempo.

HENRIQUETA — Onde?

VIRGÍNIA — Aqui.

HENRIQUETA — Aqui mesmo?

CLARISSE — Sim.

HENRIQUETA — E vai voltar?

VIRGÍNIA — Não demora.

HENRIQUETA — Oh, Sr. Jeremias, agora veremos! O senhor não contava com a minha insistência. Abandonar-me assim...

VIRGÍNIA — E o teu marido é como todos — falso,

ingrato e traidor. (*Aqui entra o criado com velas e as põe sobre a mesa.*)

CLARISSE — Ele dizia sempre que recebia cartas tuas, e nos dava lembranças.

HENRIQUETA — Mentiroso! Oh, mas vou segui-lo ainda que seja até o inferno!

VIRGÍNIA — Veja você, Henriqueta, como são as coisas... Você corre atrás do marido, e nós queríamos estar bem longe dos nossos.

HENRIQUETA — Como assim?

CLARISSE — Henriqueta, somos muito desgraçadas, muito...

HENRIQUETA — Vocês, desgraçadas?

VIRGÍNIA, chorando — Sim, e muito.

HENRIQUETA — Oh, e por quê?

CLARISSE — Nossos maridos nos tratam como se fôssemos suas escravas. (*Chora.*)

HENRIQUETA — É possível...!?

VIRGÍNIA — Nós é que sustentamos nossos casamentos²⁴. Não temos vontade, nem decisão em coisa alguma. Eles nos governam britanicamente.

HENRIQUETA — E o que vocês fazem?

VIRGÍNIA — O que temos de fazer, além de nos sujeitar?

HENRIQUETA — Nada, isso dá razão a eles!

CLARISSE — Ah, minha cara amiga, se você estivesse em nosso lugar...

HENRIQUETA — Escuta, Virgínia, e você, Clarisse, uma coisa que eu não diria se não tivesse ouvido a confidência que acabam de fazer. Mas sou amiga de vocês

²⁴ No original: “Nós é que pagamos as cabeleiras que tomam.” Possivelmente uma expressão de época, aqui recriada de acordo com o contexto da peça.

e me compadeço do estado de engano em que vivem...

VIRGÍNIA — Engano em que vivemos?

CLARISSE — Explique...

HENRIQUETA — Você sabe o que se diz no Rio de Janeiro?

VIRGÍNIA — Você me assusta!

CLARISSE — Acaba.

HENRIQUETA — Que vocês não estão casadas legitimamente.

AMBAS — Não estamos casadas?

HENRIQUETA — Não.

VIRGÍNIA — Você está brincando.

HENRIQUETA — Ora, digam-me, em que religião vocês foram criadas?

VIRGÍNIA — Na religião de nossos pais.

CLARISSE — Católica, Apostólica, Romana.

HENRIQUETA — E seus maridos?

VIRGÍNIA — São protestantes.

HENRIQUETA — E onde vocês se casaram?

CLARISSE — No templo inglês do Rio de Janeiro, na Rua dos Barbons.

HENRIQUETA — E não foram também receber a benção católica do vigário da paróquia de vocês?

VIRGÍNIA — Não.

HENRIQUETA — Minhas amigas, sinto muito repetir; não estão legitimamente casadas.

VIRGÍNIA — Mas por quê?

CLARISSE — Não compreendo.

HENRIQUETA — As cerimônias matrimoniais protestantes só ligam os protestantes; e as católicas, os católicos.

VIRGÍNIA — Assim...

HENRIQUETA — Assim, só eles é que estão casados; vocês, não.

As Casadas Solteiras

CLARISSE — Meu Deus!

VIRGÍNIA, *ao mesmo tempo* — Oh, isto é possível?

HENRIQUETA — E vivam na certeza de que vocês não são mais que amantes de seus maridos, isto é, casadas solteiras.

VIRGÍNIA — Que infâmia!

CLARISSE, *ao mesmo tempo* — Que traição!

HENRIQUETA — E agora que sabem de tudo, ainda querem viver com eles e lhes obedecer?

VIRGÍNIA — Nem mais um instante! Fugamos! Casadas solteiras!...

CLARISSE — Fugamos! Que vergonha! Duas amantes!... Que posição a nossa!

HENRIQUETA — Esperem, esperem, isto não pode ser assim. É preciso sangue frio. O vapor sai esta madrugada para o Rio de Janeiro; iremos nele.

VIRGÍNIA — Minha amiga, você nos acompanhará?

HENRIQUETA — Com uma condição...

CLARISSE — Qual é?

HENRIQUETA — Que vocês façam Jeremias me acompanhar, se eu não conseguir.

AMBAS — Conte conosco.

HENRIQUETA — Muito bem. Agora vão arranjar a roupa necessária. (*Ouve-se dentro Jeremias cantar.*) E depressa, que eu ouço a voz do meu malandro...

VIRGÍNIA — Em um momento estamos prontas. (*Saem as duas.*)

Cena IX

Henriqueta e depois Jeremias.

HENRIQUETA, só — Vem muito alegre... Mal sabe o que lhe espera. Cante, cante, que logo vai chiar! (*Apaga a vela.*) Ah, meu malandro!

JEREMIAS, *entrando* — Que diabo! É noite fechada e ainda não acenderam as velas! (*Chamando.*) Tomás, Tomás, traz luz! Não há nada como o homem estar solteiro, ou, se é casado, viver bem longe da mulher. (*Enquanto fala, Henriqueta vem se aproximando dele pouco a pouco.*) Vivo como um lindo amor! Ora, já não posso aturar a minha cara-metade... O que me conforta é ela estar há mais de duzentas léguas de mim. (*Henriqueta, que a este tempo está junto dele, agarra-lhe pela gola da casaca; Jeremias, assustando-se.*) Quem é? (*Henriqueta dá-lhe uma bofetada e o deixa. Jeremias, gritando.*) Ai, tragam luzes! São ladrões! (*Aqui entra o criado com luzes.*)

HENRIQUETA — É outra girândola, malandro!

JEREMIAS — Minha mulher!

HENRIQUETA — Pensou que eu não o encontraria?

JEREMIAS — Mulher do diabo!

HENRIQUETA — Agora não vou perder você de vista um só instante.

JEREMIAS, *para o criado* — Vá embora. (*O criado sai.*)

HENRIQUETA — Ah, não quer testemunhas?

JEREMIAS — Não, porque quero te matar!

HENRIQUETA — Ah, ah, ah! Eu rio disso.

JEREMIAS, *furioso* — Ah, tem vontade de rir? Melhor; a morte será alegre. (*Segurando-a pelo braço.*) Você é uma peste, e a peste se cura; é um demônio, e

os demônios se exorcizam; é uma víbora, e as víboras se matam!

HENRIQUETA — E aos desavergonhados se ensinam! (*Levanta a mão para lhe dar uma bofetada, e ele, deixando-a, recua.*) Ah, foge?

JEREMIAS — Fujo, sim, porque da peste, dos demônios e das víboras se foge... Não quero mais ver você! (*Fecha os olhos.*)

HENRIQUETA — Vai ter de me ver e me ouvir!

JEREMIAS — Não quero mais ouvir você! (*Tapa os ouvidos com a mão.*)

HENRIQUETA, *segurando-o pelo braço* — Pois vai ter de me sentir.

JEREMIAS, *saltando* — Afaste-se!

HENRIQUETA — Agora não vou me afastar mais de você, até o dia do Juízo...

JEREMIAS — Pois agora eu também faço protesto solene a todas as nações, declaração formal ao universo inteiro, que vou fugir de você como o diabo foge da cruz; que vou evitá-la como o devedor ao credor; que vou odiá-la como as oposições odeiam as majorias.

HENRIQUETA — E eu declaro que vou segui-lo como a sombra segue o corpo...

JEREMIAS, *exclamando* — Meu Deus, quem me livrará deste diabo encarnado?

CRIADO, *entrando* — Uma carta da Corte para o Sr. Jeremias.

JEREMIAS — *Dá aqui.* (*O criado entrega e sai. Jeremias para Henriqueta.*) E não ter a fortuna, peste, que esta carta fosse a de convite para seu enterro...

HENRIQUETA — Não terá esse gostinho. Pode ler, não faça cerimônia.

JEREMIAS — Não preciso da sua permissão. (*Abre a carta e lê em silêncio.*) Estou perdido! (*Deixa a carta*

cair no chão.) Desgraçado de mim! (*Vai cair sentado na cadeira.*)

HENRIQUETA — O que é?

JEREMIAS — Que infelicidade, ai!

HENRIQUETA — Jeremias!

JEREMIAS — Arruinado! Perdido!

HENRIQUETA, *corre, apanha a carta e lê* — “Sr. Jeremias, sinto muito em lhe dar tão desagradável notícia. O negociante a quem o senhor emprestou o resto de sua fortuna acaba de falir. Os credores não puderam ter de volta nem dois por cento da divisão de bens. Tenha coragem...” — Que desgraça! Pobre Jeremias! (*Chegando-se para ele.*) Tenha coragem.

JEREMIAS, *chorando* — Ter coragem! É bem fácil de dizer... Pobre miserável... Ah! (*Levantando-se.*) Henriqueta, você, que sempre me amou, não me abandone agora... Mas, não, você me abandonará; eu estou pobre...

HENRIQUETA — Injusto que você é. Por acaso eu amava o dinheiro ou a você?

JEREMIAS — Minha boa Henriqueta, minha querida mulher, agora que perdi tudo, só você é o meu tesouro; só você será a consolação do pobre Jeremias.

HENRIQUETA — Abençoada seja a desgraça que me faz ter de volta o seu amor! Trabalharemos para viver, e a vida junto de você será para mim um paraíso...

JEREMIAS — Oh, nunca mais te deixarei! Partamos para o Rio de Janeiro, partamos, que talvez ainda seja tempo de remediar o mal.

HENRIQUETA — Partamos hoje mesmo.

JEREMIAS — Sim, sim, hoje mesmo, agora mesmo...

HENRIQUETA — Espera.

JEREMIAS — O quê?

HENRIQUETA — Virgínia e Clarisse irão conosco.

As Casadas Solteiras

JEREMIAS — Virgínia e Clarisse? E seus maridos?

HENRIQUETA — Ficam.

JEREMIAS — E elas?

HENRIQUETA — Fogem.

JEREMIAS — Acaso eles tiraram a sorte grande?

HENRIQUETA — Muito engraçado!

JEREMIAS — Venha comigo quem quiser, fuja quem quiser, que eu o que quero é me ver no Rio de Janeiro.

HENRIQUETA — Vem cá. (*Saindo.*) Feliz de mim!
(*Saem pela direita.*)



Cena X

Entram pela esquerda John e Bolingbrok.

BOLINGBROK, entrando — *Very good porter*²⁵,
John.

JOHN — Sim. É um pouco forte.

BOLINGBROK — Oh, forte, não! Eu ainda *pode*
bebe mais. (*Senta-se e chama.*) Tomás? Tomás? (*O*
criado entra.) Traz uma ponche. (*O criado sai.*)

JOHN — Pois você ainda quer beber? (*Sentando-se.*)

BOLINGBROK — John, bebe também comigo;
eu *quero bebe* à saúde de minha Clarisse, e tu, de
Virgínia. (*Gritando.*) Tomás? Tomás? (*O criado entra*
com uma bandeja com dois copos de ponche.) *Bota*
aqui! (*O criado deixa a bandeja sobre a mesa e sai.*)

JOHN, *bebendo* — À tua saúde, Bolingbrok.

BOLINGBROK, *bebendo* — *Yes*, minha saúde...
Também saúde tua. Oh, este ponche está *belo*. John,
à saúde de Clarisse!

JOHN — Vá, à saúde de Clarisse e de Virgínia.
(*Bebem.*)

BOLINGBROK — Oh, este garrafa... É rum de
Jamaica. Toma, John. (*Coloca rum nos copos.*)

JOHN — À autoridade do marido!

BOLINGBROK — *Yes*, autoridade da marido!
(*Bebem.*)

JOHN — De duas coisas uma, Bolingbrok: ou é a
mulher ou o marido que manda.

BOLINGBROK — *Yes*, quando mulher governa,
tudo leva diabo!

JOHN — Bravo! Você tem razão e compreende...

²⁵ Cerveja muito boa.

À nossa saúde! (*Bebem.*)

BOLINGBROK — Marido governa mulher ou, *goddam!*, mata ela. (*Dá um soco na mesa.*)

JOHN, *falando com dificuldade* — Obediência mata... Salva tudo... Bolingbrok, à saúde da obediência!

BOLINGBROK — *Yes!* (*Falando com dificuldade.*)
Eu *quer* obediência. (*Bebem.*)

JOHN — Virgínia é minha mulher... Tem de fazer o que quero.

BOLINGBROK — Brasil é bom para ganhar dinheiro e ter mulher... Os lucros... Cem por cento... É belo! John, eu quero *dorme, mim* tem a cabeça pesada... (*Vai adormecendo.*)

JOHN — Eu tenho sede. (*Bebe.*) Bolingbrok dorme. Ah, ah, ah! (*Rindo.*) Está bom, está bêbado! Ah, ah! Cabeça fraca... Não vai a teatro... Virgínia... (*Adormece.*)

Cena XI

Entram Virgínia, Clarisse, Henriqueta e Jeremias como quem está de viagem, trazendo trouxas, caixa de chapéu, etc.

VIRGÍNIA, *entrando* — Silêncio, que eles dormem. (*Todos se adiantam para a cena, pé ante pé, passando entre os dois e o pano de fundo.*)

CLARISSE, *parando detrás dos dois* — Se eles se arrependessem...

HENRIQUETA — Nada de fraqueza. Vamos!

VIRGÍNIA — Talvez ainda fôssemos felizes...

JEREMIAS — Nada de demora, ou vou só...

VIRGÍNIA — Clarisse, vamos ficar!

JOHN, *sonhando* — Virgínia é minha escrava.

VIRGÍNIA — Sua escrava?...

BOLINGBROK, *sonhando e batendo com o punho na mesa* — Eu mata Clarisse...

CLARISSE — Matar-me?...

VIRGÍNIA e CLARISSE — Vamos! (*Vão atravessando para a porta da esquerda.*)

HENRIQUETA — Adeus, gódames!

JEREMIAS, *da porta* — *Good night, my dear!* (*Saem todos. Bolingbrok e John, com o grito de Jeremias, como que acordam; esfregam os olhos.*)

BOLINGBROK, *dormindo* — *Good night!*

JOHN, *dormindo* — *Yes!* (*Tornam a cair em sono profundo. Desce o pano.*)

Fim do segundo ato.

Ato Terceiro

Sala: portas laterais e no fundo; no meio, uma mesa. No segundo plano, à direita, um guarda-pratos, e à esquerda, duas vasilhas serradas ao meio; cadeiras.

Cena I

*Virgínia e Clarisse, sentadas junto à mesa, cosendo.
Narciso, com um papel na mão.*

NARCISO, *entrando* — Está pronto. Muito bem! Meninas, é preciso que assinem este papel.

VIRGÍNIA — E que papel é este?

NARCISO, *apresentando o papel e uma pena* — A procuração para anular os casamentos de vocês.

VIRGÍNIA — Ah, dê-me! (*Toma o papel e assina.*) Agora você, Clarisse.

CLARISSE, *toma o papel e assina* — Está assinado.

NARCISO — Muito bem, muito bem, minhas filhas! Tudo está correto agora. Não descansarei enquanto não vir anulados estes malditos casamentos. Casamentos! Malandros, vou ensiná-los. Já estive esta manhã com o meu advogado, e isso me dá muito boas esperanças. Minhas filhas, espero em Deus e na Justiça que amanhã vocês estejam livres.

CLARISSE — Livres?

NARCISO — Sim, sim, e poderão se casar de novo com quem quiser.

VIRGÍNIA — Casar de novo?

NARCISO — E por que não? Filhas, quero pedir

uma coisa...

CLARISSE — O quê, meu pai?

NARCISO — Vocês fugiram de minha casa; dois meses depois voltaram, e ainda não ouviram uma só queixa de seu pai, que as recebeu com os braços abertos.

VIRGÍNIA — Meu pai... (*Levantando-se.*)

CLARISSE, *levantando-se* — Pode dar as ordens.

NARCISO — Amanhã estarão livres, e espero que aceitem os noivos que eu destino a vocês.

CLARISSE — Noivos?

VIRGÍNIA — E quem são eles?

NARCISO — Para você, será o amigo Serapião.

VIRGÍNIA — Serapião?

NARCISO, *para Clarisse* — E, para você, o vizinho Pantaleão.

CLARISSE — Pantaleão?

NARCISO — São duas pessoas dignas. Enfim, falaremos disso depois; talvez hoje eu os apresente. Até mais, até mais, que é tarde. Vou daqui ao teatro. Já disse a vocês que não janto em casa hoje; por isso, quando ficar tarde, não me esperem. Mandem tirar estas vasilhas aqui da sala. (*Sai.*)

Cena II

As irmãs Clarisse e Virgínia e depois Henriqueta.

VIRGÍNIA — Que diz, mana? Eu, casada com um Serapião!

CLARISSE — E eu, com um Pantaleão!

VIRGÍNIA — Isto não pode ser...

CLARISSE — Que dúvida!

VIRGÍNIA — Até porque ainda alimento certas esperanças...

CLARISSE — E eu também.

HENRIQUETA, *da porta* — Dão licença?

VIRGÍNIA e CLARISSE — Henriqueta! Entre!

HENRIQUETA — Como vocês estão passando?

VIRGÍNIA — Bem, e você?

HENRIQUETA — Vamos levando. Então, o que há de novo?

VIRGÍNIA — Muitas coisas... Amanhã estaremos completamente livres.

CLARISSE — E poderemos casar com Serapiões e Pantaleões.

HENRIQUETA — Hein? O que é isso?

CLARISSE — É um projeto do nosso pai.

HENRIQUETA — Um projeto?

VIRGÍNIA — Meu pai quer nos casar de novo.

HENRIQUETA — Sim? E vocês permitem e estão completamente resolvidas a abandonar os pobres inglesinhos?

VIRGÍNIA — Não sei o que dizer...

CLARISSE — Sabe, Henriqueta, que eles estão aqui no Rio?

HENRIQUETA — Sei. Ontem encontrei o teu, o Bolin, Bolin... Que maldito nome, que nunca pude

pronunciar!

CLARISSE — Bolingbrok.

HENRIQUETA — Bolinloque passeando no Largo do Paço, vermelho como um camarão. Assim que me avistou, veio diretinho para mim; mas eu, que não estava com vontade de aturá-lo, fiz-me de distraída e fui andando.

VIRGÍNIA — Há quinze dias que chegaram da Bahia, e nos atormentam com cartas e recados.

HENRIQUETA — E você já se encontrou com ele?

VIRGÍNIA — Já, em um baile.

HENRIQUETA — E dançou com ele?

VIRGÍNIA — Não.

CLARISSE — Por cinco ou seis vezes vieram nos convidar para contradança, polca²⁶ e valsa, mas nós, nada de aceitar.

HENRIQUETA — Coitados!

CLARISSE — E se você visse a aflição em que eles estavam! Como viam que nós não queríamos dançar com eles, zangados e raivosos se agarravam ao primeiro par que encontravam, e saltavam como uns demônios... Cada pernada!...

VIRGÍNIA — E na polca dançavam com pontapés e encontrões. Todos fugiam deles. Ah, ah!

HENRIQUETA — Assim é que os ingleses dançam; é moda entre eles.

CLARISSE — E depois iam para a sala dos refrescos, e bebida e mais bebida...

HENRIQUETA — Era para afogar as paixões. Ah, ah, ah!

²⁶ Dança de andamento vivo, oriunda da Polônia.

VIRGÍNIA, *rindo* — Ah, ah, ah! Com que cara estavam!

CLARISSE, *rindo* — E eu me divertindo por não fazer caso deles.

VIRGÍNIA — E você sabe que hoje eles jantam conosco?

HENRIQUETA — Aqui?

VIRGÍNIA — Sim, mandamos convidá-los.

HENRIQUETA — Para debochar deles?

CLARISSE — Sim, e para nos pagarem as infelicidades que passamos na Bahia. Vê aquelas duas vasilhas? É uma das manias de meu pai. Resolveu hoje tingir o algodão de Minas da roupa dos negros. Ali dentro ainda tem um resto de tinta, e eu tenho aqui um plano...

HENRIQUETA — E depois?

CLARISSE — Depois? Veremos...

VIRGÍNIA — Henriqueta, como está o seu marido?

HENRIQUETA — Anda na sua luta. Depois que perdeu tudo, fez-se procurador de causas... Pobre Jeremias! Mas eu sou bem feliz, porque ele agora me ama. (*Dentro batem palmas.*)

CLARISSE — Estão batendo palmas; são eles! Henriqueta, recebe-os, enquanto vamos nos preparar.

BOLINGBROK, *dentro* — Dá licença?

VIRGÍNIA — Vamos. (*Sai com Clarisse.*)

HENRIQUETA — Pode entrar. Isto vai ser bom!

Cena III

Henriqueta, Bolingbrok e John. Bolingbrok e John estão de calça e colete branco e casaca.

JOHN, *da porta* — Dá licença?

HENRIQUETA — Os senhores podem entrar.

JOHN, *entrando* — Minha senhora...

BOLINGBROK, *para John* — *Este é* mulher de Jeremias!

HENRIQUETA — Tenham a bondade de se sentar.

BOLINGBROK — *No* precisa; *obrigada*. Dona Clarisse?

JOHN — Posso falar com a senhora, Dona Virgínia?

HENRIQUETA — Neste momento estão lá dentro, ocupadas. Tenham a bondade de esperar um pouco...

BOLINGBROK — *Mim não pode* esperar; quer *fala* a ela já.

HENRIQUETA — Ui!

JOHN — Bolingbrok!

BOLINGBROK — Eu *grita*, *chama* ela. Clarisse? (*Gritando.*) Clarisse?

HENRIQUETA — Não grite, que eu já vou chamá-la. Afe! (*Sai.*)

JOHN — Está louco?

BOLINGBROK, *passeando pela casa com passos largos* — John, oh, oh, *mim está* zanga...

JOHN — E eu também não estou muito contente; mas, enfim, é preciso paciência; estamos na casa de nossas mulheres.

BOLINGBROK — *Yes*, eu *estar satisfeita* de estar junto de Clarisse.

JOHN — E eu, de Virgínia. (*Senta-se.*) Há três meses que as vimos pela primeira vez e as seduzimos; e

aqui estamos de novo obrigados a iniciar...

BOLINGBROK, *sempre passeando de um para outro lado* — *Yes, começa declaration* outra vez...

JOHN — Que acontecimentos, que aflições!... Mas você é que é a causa de tudo isto.

BOLINGBROK, *parando* — *Mim, John?*

JOHN — Sim.

BOLINGBROK — Oh, *este é forte! Culpada é você*, que dá conselho a mim. Maus conselhos.

JOHN — Sim? E você, com estes maus modos?

BOLINGBROK — Oh, eu é que *diz: minha* ladrãozinho é mau, *minha* amorzinho é mau?... Oh, eu *queixa* de você, e se você não estar *minha* sócio... Eu *dá* soco.

JOHN, *levantando-se* — Você é que precisa de uma lição.

BOLINGBROK, *chegando-se para John* — Eu é que *precisa*, John? Eu é que *precisa*, John?

JOHN, *gritando* — É, sim, maluco!

BOLINGBROK, *gritando muito junto de John* — Eu é que *precisa*, John?

JOHN, *empurrando-o* — Ora, não me ensurdeça!

BOLINGBROK — Oh! (*Arregaçando as mangas.*) John, vamos *joga* soco? Vamos, John? Eu *quer quebra* o nariz...

JOHN — Chega pra lá!

BOLINGBROK — Oh!

Cena IV

Virgínia, Clarisse e os ingleses.

CLARISSE, *entrando* — O que é isto, senhores?

BOLINGBROK, *imóvel* — Oh!

JOHN — Minhas senhoras, não é nada.

BOLINGBROK, *cumprimentando* — Meus *comprimentas*.

JOHN — A bondade que vocês tiveram de nos convidar...

VIRGÍNIA — Queiram sentar. (*Puxam cadeiras e sentam-se na seguinte ordem: Virgínia e Clarisse à direita, e Bolingbrok e John à esquerda, distanciados um do outro.*)

JOHN, *tossindo* — Hum, hum!

BOLINGBROK, *tossindo* — Hum, hum! (*As duas sorriem.*)

JOHN — O dia hoje está fresco...

BOLINGBROK — Está *bonita* dia...

JOHN — E creio que teremos chuva...

BOLINGBROK — Muita chuva; o tempo está *perturbada*...

VIRGÍNIA, *sorrindo* — Estou vendo quem está *perturbado*.

CLARISSE, *desatando a rir* — E muito... Ah, ah!

BOLINGBROK — Oh!

JOHN — Enfim, senhoras, temos a felicidade de falar a vocês sem testemunhas.

BOLINGBROK — E de nos achar *junta* de vocês.

JOHN — E esperamos tanto por essa chance!

BOLINGBROK — *Yes... Mim* estava *sequiosa* para ver.

CLARISSE — Sequioso? Quer um copo de água com açúcar?

BOLINGBROK — *No, no. I thank you.*

CLARISSE — Não faça cerimônia... Parece tão alterado.

BOLINGBROK, *levantando-se* — *No quer! Oh!*

JOHN, *levantando-se* — Senhoras, este cerimonial pesa muito depois de tão longa ausência. Não seria melhor deixarmos de lado estes modos polidos, reservados, e falarmos sinceramente?

VIRGÍNIA, *levantando-se* — Como quiserem, mas lembrem-se das condições com as quais concedemos a vocês este encontro — nem uma palavra sobre o passado.

JOHN — Recusam-se a ouvir nossa justificação?

BOLINGBROK — Oh, não *dá orelha* a nós?

JOHN — Se temos culpa, vocês também têm.

VIRGÍNIA — Nós, senhor?

BOLINGBROK — *Yes.*

JOHN — Sem dúvida! Nos abandonar!...

VIRGÍNIA, *com gravidade* — Senhores, vocês pensam que, depois de nos enganar cruelmente, íamos nos sujeitar, de boa vontade, a ser suas escravas? **Iludiram-se** muito! Felizmente reconquistamos a nossa liberdade, e estamos resolvidas a não sacrificá-la de novo.

CLARISSE — O modo como procederam foi uma traição indigna.

BOLINGBROK — *My Clarisse!*

JOHN — Virgínia, você nunca me amou...

VIRGÍNIA — Mas convenha que foi feito muito pouco para alcançar o meu amor.

CLARISSE — Chega; vamos deixar de reclamações. Os senhores farão a gentileza de jantar conosco.

BOLINGBROK, *contente* — *Oh, by God!*

JOHN, *contente* — Isto é, para nós, uma grande satisfação.

BOLINGBROK, *à parte, para John* — *Elas inda gosta de nós, John. (Alto, e muito risonho.) Eu está muito satisfeita, muito contente janta com vocês. Ah, ah, ah!*

VIRGÍNIA — Henriqueta, nossa amiga, jantará conosco.

BOLINGBROK — Henriqueta, mulher de Jeremias? Jeremias *está*²⁷ traidor.

CLARISSE — Jeremias é uma pessoa que merece nossa amizade.

BOLINGBROK — Oh, *pardon*²⁸! Então é *minha amiga*.

VIRGÍNIA — Um favor que eu queria lhe pedir...

JOHN — Mande.

VIRGÍNIA — Henriqueta gosta muito de empadas e **pão de ló**; se tivesse a bondade de ir à confeitaria e comprar...

JOHN — Oh!

VIRGÍNIA — Como? Não quer?

JOHN — Eu vou, eu vou. (*Sai apressado.*)

CLARISSE — Se eu achasse quem quisesse ir comprar alface para a salada...

BOLINGBROK — *Eu vai, miss, eu vai.*

CLARISSE — Quer ter esse incômodo?

BOLINGBROK — Incômodo, não; *dá* prazer. Basta, eu *faz*... Eu *compra* alface, batata, *repolha* e nabos; eu *traz* tudo... *Está* satisfeita? Eu *volta*. (*Sai.*)

²⁷ Trocadilho com o verbo inglês *to be*, que em português significa ser ou estar. Em vez de dizer “Jeremias é traidor”, a personagem se confunde e diz “Jeremias ‘está’ traidor”.

²⁸ Perdão!

Cena V

Virgínia, Clarisse e Henriqueta. Virgínia e Clarisse, logo que Bolingbrok sai, caem sentadas nas cadeiras e riem às gargalhadas.

HENRIQUETA, *entrando* — O que é? De que riem? O que vocês fizeram com eles?

VIRGÍNIA, *rindo* — Ah, ah, ah! Isto é delicioso!

CLARISSE, *rindo* — Ah, ah, ah! É magnífico!

HENRIQUETA — Parem de rir e me digam o que está acontecendo.

CLARISSE — O meu ex-marido foi comprar alfaces e couves...

VIRGÍNIA — E o meu, empadas e pão de ló. Ah, ah!...

HENRIQUETA — Eles mesmos? Tão orgulhosos como são?

VIRGÍNIA — Pois então! É que o caso mudou de figura. Na Bahia nem queriam carregar o nosso chapelinho de sol.

CLARISSE — E agora vão carregar tudo o que quisermos.

HENRIQUETA — Assim são os homens... Ou mansos cordeiros quando dependem, ou bravos leões quando nos governam. Ah, se não precisássemos deles...

Cena VI

Jeremias e os meninos. Jeremias virá muito bem vestido.

JEREMIAS — Viva!

VIRGÍNIA e CLARISSE — Sr. Jeremias!

JEREMIAS — Como estão passando?

VIRGÍNIA e CLARISSE — Bem.

HENRIQUETA — O que você faz por aqui a estas horas?

JEREMIAS — Vim falar com estas senhoras.

VIRGÍNIA — Conosco?

JEREMIAS — Nem mais, nem menos.

CLARISSE — E para quê?

JEREMIAS — Seu pai encarregou estes papéis ao seu procurador. (*Mostra-lhe uns papéis.*) É o auto de anulação do casamento com os meus amigos “ínglis”. O procurador, porém, que é um procurador muito procurado e tem muito que fazer, encarregou-me de dar andamento aos papéis. Não sei se já tive a fineza de lhes informar que, depois que não soube dirigir o que era meu, trato de negócios dos outros...

CLARISSE — Já sabemos, disse-nos Henriqueta.

JEREMIAS — Muito bem. Recebi os papéis e, lançando os olhos sobre eles, li os nomes de vocês, os dos nossos caríssimos amigos e a causa de toda a barulhada; disse comigo mesmo: isto pode ser malandragem do velho Narciso das Neves, e ainda vejo aqui a assinatura de suas filhas; não façamos nada sem consultá-las... Pus-me a caminho e aqui estou.

VIRGÍNIA — Muito lhe agradecemos.

JEREMIAS — Não há de quê.

HENRIQUETA — É um excelente rapaz.

JEREMIAS — Obrigado. Mas, então, querem que eu faça o quê? Dou andamento aos papéis ou não?

CLARISSE — Responda você, Virgínia.

VIRGÍNIA — E por que não responde você?

HENRIQUETA — Ah, já sei! Nenhuma quer responder, para depois não ter do que se arrepender. Pois eu decidirei.

JEREMIAS — Ainda bem. Sempre te achei resolvida.

HENRIQUETA — Não dê andamento a esses papéis.

CLARISSE — E por quê?

HENRIQUETA — Porque bem depressa se arrependerão. Falemos claramente; vocês ainda conservam esperanças...

VIRGÍNIA — E quem disse?

HENRIQUETA — Isso não é preciso dizer; adivinha-se.

CLARISSE — Pois bem, sejamos sinceras. Sr. Jeremias, nós ainda amamos os nossos ingratos e não podemos nos esquecer que por eles fugimos desta casa e que para eles vivemos dois meses... Nós, mulheres, não somos como os senhores; o nosso amor é mais constante e resiste mais ao tempo.

HENRIQUETA — Está ouvindo?

CLARISSE — Mas, em compensação, somos vingativas. Os nossos caros ex-maridos terão de primeiro pagar com juros o que sofremos, se quiserem ser perdoados. Terão de se curvar como nós nos curvamos e obedecer à nossa voz com humildade... Assim, talvez, nós poderemos perdôá-los.

JEREMIAS — Muito bem! Vou fazer com estes papéis o que fazem todos os procuradores, meus colegas: dormir no caso...

Cena VII

Entra Bolingbrok com dois grandes cestos pendurados nos braços, cheios de hortaliças e frutas. Segue-o John com uma empada em uma mão e um pão de ló na outra.

BOLINGBROK, *entrando* — *Está aqui alface e repolha, miss.*

CLARISSE — Oh, muito bem.

JOHN — E a empada e o pão de ló.

VIRGÍNIA — Foram competentes.

BOLINGBROK — Para ser agradável a vocês.

HENRIQUETA — Dá aqui a empada.

JEREMIAS, *ao mesmo tempo* — Dá aqui um cesto.

BOLINGBROK — Jeremias está aqui!

JEREMIAS — *Yes, my dear*, dá cesto a *mim*. Oh, homem, compraste o mercado inteiro? (*Depositam tudo sobre a mesa.*)

BOLINGBROK — Para *faze* salada. (*Indo para Clarisse.*) *Miss* está contente?

CLARISSE, *reprimindo o riso* — Muito.

BOLINGBROK — *Mim* então está muito *satisfeita*.

VIRGÍNIA — Vamos tratar das outras coisas.

JOHN — Querem ainda outra empada?

BOLINGBROK — Mais *repolha* e *nabas*?

VIRGÍNIA — Não, mas, enquanto vamos lá dentro ver em que estado está o jantar, aqui está a mesa, e naquele guarda-pratos tudo o que é necessário para ela.

CLARISSE — E os senhores terão a bondade de preparar isto.

BOLINGBROK — Eu *bota* mesa? Oh!

JOHN — Querem que preparemos a mesa?

BOLINGBROK, *à parte* — Oh, *este* é muito!



(*Alto.*) *Mim* não sabe *faz* doméstico; não quer.

CLARISSE — Ah, não quer? Está bem. (*Mostrando-se zangada.*)

JOHN — Pelo contrário, aceitamos o encargo com muito prazer. (*Para Bolingbrok.*) Cale a boca, que você vai botar tudo a perder. (*Alto.*) Não é verdade, Bolingbrok, que faremos isso com muito prazer?

BOLINGBROK — Oh, *yes*. (*À parte.*) *Goddam!* (*Esforçando-se para rir.*) Eu *está* contente *bota* mesa para nós *janta*; muito bom, *está satisfeita*, muito... (*À parte, raivoso.*) *Goddam!*

CLARISSE, *com ternura* — E eu agradeço.

BOLINGBROK — Agradece? Oh, oh! (*Muito alegre.*)

VIRGÍNIA — Mãos à obra! Tirem a toalha e os pratos.

JEREMIAS — Será melhor que os senhores tirem primeiro as casacas; assim não podem servir bem.

VIRGÍNIA, CLARISSE e HENRIQUETA — É verdade!

BOLINGBROK — *Mim* não tira casaca!

CLARISSE — Também não pedimos nada, coisa alguma, que os senhores façam de boa vontade! É sempre de mau gosto.

BOLINGBROK — Eu *tira*. John, *tira* casaca. (*Despem ambos as casacas. As três riem às escondidas.*)

JEREMIAS — Agora, sim, parecem mesmo uns criados ingleses.

VIRGÍNIA — Henriqueta, vamos ver o jantar. Já voltamos. (*Saem as três, rindo.*)

Cena VIII

Bolingbrok, John e Jeremias.

JEREMIAS, *da extremidade direita da sala, observa, rindo, os dois, que, abrindo o guarda-pratos, tiram dele toalhas, pratos, etc.* — Aí está como se abate o orgulho. São meus amigos, é verdade, mas aprecio muito que isto lhes aconteça. Oh, se pudéssemos assim abater a vaidade de muitos outros *inglismanes* que eu conheço... (*Alto.*) John, põe esta mesa direito! Bolingbrok, *adios, my dear, farewell... Good night.*²⁹ (*Sai.*)

Cena IX

Bolingbrok e John.

JOHN, *pondo a mesa* — Então, que me diz disto?

BOLINGBROK, *pondo a mesa* — Eu *está envergonhada*. Quem disse que William Bolingbrok limpa pratos como *uma cozinheiro* e carrega *repolha* e cestos?

JOHN — O que você quer? Com submissão e paciência é que as tornaremos favoráveis... Cada vez a amo mais.

BOLINGBROK — Eu também, John. As garfos *fica aqui... Mim* está maluco por Clarisse.

JOHN — Aqui governam elas; lá governávamos nós.

BOLINGBROK — *Yes*. Nós *está cativa* aqui. *Este é desagradável, mas está satisfeita de serve* ela.

²⁹ Em tradução livre: “Adeus, meus queridos, adeus. Boa-noite!”.

Cena X

Entram Virgínia, Clarisse e Henriqueta, apressadas.

VIRGÍNIA, *entrando* — Escondam-se!

CLARISSE, *entrando, ao mesmo tempo* — Escondam-se!

HENRIQUETA — E depressa!

BOLINGBROK — O que é?

JOHN, *ao mesmo tempo* — O que foi?

CLARISSE — Meu pai vem aí, e, se encontra vocês aqui, estamos perdidas!

BOLINGBROK — Oh, que fazer?

HENRIQUETA — Escondam-se, escondam-se!

JOHN — Mas onde? Onde?

VIRGÍNIA — Dentro daqueles vasos.

CLARISSE — É verdade! Andem, andem! (*As três os empurram para junto dos vasos. Henriqueta levanta a tampa de madeira que os cobre.*)

HENRIQUETA — Entrem!

JOHN — Oh, estão com água!

BOLINGBROK — É tinta, John!

VIRGÍNIA — E o que tem isso? Entrem!

CLARISSE — Por tudo que é sagrado, entrem, senão morreremos!

BOLINGBROK — Entra, John.

JOHN — Entrar? Mas... A tinta?

VIRGÍNIA — É assim que nos amam?

HENRIQUETA — Pior é a demora.

VIRGÍNIA — Meu John, tenha pena de mim!

CLARISSE — Meu Bolingbrok, só assim os perdoademos, e eu tornarei a amá-lo.

HENRIQUETA — Entrem, entrem!

BOLINGBROK — John, entra; elas *volta a ama*

nós. (*Bolingbrok e John entram nos vasos; as moças os cobrem com as tampas e, ficando sobre elas, dançam e riem.*)

HENRIQUETA — Ah, ah, ah, que bela lição!

VIRGÍNIA — Agora, sim, estamos vingadas!

CLARISSE — Quantas casadas eu conheço que invejam agora a nossa posição... (*Dança.*)

HENRIQUETA — Está bom; não demorem muito, que eles podem morrer.

VIRGÍNIA, *saltando* — Morrer? Isso não! Morto não me serve de nada.

CLARISSE, *saltando* — Para ensino, basta.

HENRIQUETA — Sinto passos...

VIRGÍNIA — Quem será?

NARCISO, *dentro* — Diga que estou esperando.

CLARISSE — É meu pai.

VIRGÍNIA — Oh, com esta eu não contava! Que faremos?

HENRIQUETA — Ora, está aí! Vocês foram meter medo aos pobres ingleses com a vinda de seu pai, e ele chega sem ser esperado...

Cena XI

Narciso e as senhoras.

NARCISO, *entrando* — Ai, estou estafado! Tenho andado muito (*sentando-se*), e conseguido muito...

CLARISSE — Meu pai resolveu jantar em casa?

NARCISO — Sim, estou com muita dor de cabeça, e jantar fora iria me incomodar... Mas quê? Esta mesa...

HENRIQUETA, *à parte* — Mau...

NARCISO — Tantos talheres?

VIRGÍNIA — Henriqueta e seu marido jantavam conosco.

NARCISO — Ah, está bom. Acrescentem mais dois talheres.

CLARISSE — Para quem?

NARCISO — Para os amigos Serapião e Pantaleão.

VIRGÍNIA — Pois vêm jantar conosco?

SERAPIÃO, *dentro* — Dá licença?

NARCISO — Aí estão. (*Levantando-se.*) Podem entrar. (*Indo ao fundo.*)

CLARISSE, *para Virgínia e Henriqueta* — E então?

VIRGÍNIA — Não sei no que isto vai dar...

Cena XII

Serapião, Pantaleão e os demais. Serapião e Pantaleão estão vestidos como dois velhos que são, e muito esquisitos.

NARCISO — Sejam muito bem-vindos, meus caros amigos.

CLARISSE, *à parte* — Oh, que figuras!

SERAPIÃO — Deus esteja nesta casa.

PANTALEÃO — Humilde criado...

NARCISO — Entrem, entrem, meus caros amigos; aqui estão elas. Hein? Que parecem a vocês?

SERAPIÃO — Encantados!

PANTALEÃO — Belas como os amores!

NARCISO — Muito bem, amigo Pantaleão, como está expressivo! Meninas, então? Cheguem para cá; é destes senhores que eu há pouco falava a vocês. (*Aqui Bolingbrok e John levantam as tampas dos vasos e observam.*)

VIRGÍNIA — Muita satisfação tenho em conhecer o Sr...

SERAPIÃO — Serapião.

VIRGÍNIA — Serapião.

CLARISSE — E eu, o Sr..

PANTALEÃO — Pantaleão.

CLARISSE — Pantaleão.

NARCISO — Virgínia, Clarisse, minhas caras filhas, hoje vocês vão me dar a maior satisfação com a sua obediência. A estas horas, sem dúvida, estará lançada a sentença que anula o primeiro casamento de vocês, e dentro de oito a quinze dias espero que estejam unidas aos meus dignos amigos.

SERAPIÃO — Será grande a nossa felicidade...

PANTALEÃO — E contentamento.

NARCISO — E já quero ver este negócio concluído, porque, na verdade, ainda tenho medo dos tais inglesinhos.



SERAPIÃO — Que apareçam e verão do que somos capazes!

PANTALEÃO — Sim, sim, que apareçam! (*Enquanto Serapião e Pantaleão falam, Bolingbrok e John levantam dos vasos e saltam fora. Suas roupas, seus rostos e suas mãos estarão o mais completamente sujas de tinta possível; Bolingbrok, todo azul, e John, vermelho. Atiram-se sobre Serapião e Pantaleão, que dão gritos, com medo.*)

BOLINGBROK — “Goddam! Goddam!”

JOHN — Aqui estamos!

NARCISO, *muito assustado, corre para a porta do fundo, gritando* — Ai, ai, é o diabo, é o diabo!

(*Jeremias, que entra nesse instante, esbarra com ele, e rolam ambos pelo chão. As três moças recuam para junto da porta da direita. Serapião e Pantaleão caem de joelhos, tremendo. Bolingbrok e John gritam, enfurecidos.*)

BOLINGBROK — Ah, você quer casa, quer mulher meu? Goddam!

JOHN — Pensa que vai ser assim, velho do diabo?

JEREMIAS, *caindo* — Que diabo é isso?

NARCISO, *gritando* — Ai, ai! (*Levanta-se, quer fugir; Jeremias o retém.*)

JEREMIAS — Espere! Aonde vai?

NARCISO — Deixe-me, deixe-me! (*Bolingbrok e John, a este tempo, já deixaram Serapião e Pantaleão caídos no chão; dirigem-se para Virgínia e Clarisse.*)

JOHN, *abraçando Virgínia* — Não a deixarei mais!

BOLINGBROK, *ao mesmo tempo, abraçando Clarisse* — *Mim* não deixa mais vocês.

VIRGÍNIA — Ai!

CLARISSE, *ao mesmo tempo* — Ai!

HENRIQUETA, *indo para Narciso* — Senhor Narciso, não se assuste!

JEREMIAS, *puxando-o para frente* — Venha cá.

JOHN, *abraçado com Virgínia* — Vão me matar junto de você, mas eu não a deixarei... Não, não, Virgínia.

VIRGÍNIA — Não me suje de tinta!

BOLINGBROK, *abraçado com Clarisse* — *Esfola a mim, mas eu não larga você! No, no!*

JEREMIAS, *que a este tempo obrigou Narciso a aproximar-se dos ingleses* — Está vendo? São os primeiros maridos de suas filhas.

HENRIQUETA — Os ingleses.

NARCISO — Os ingleses? (*Enfurecido, para os dois.*)
Ingleses do diabo, *goddams* de mil diabos, que fazem em minha casa? Larguem minhas filhas, ou eu sou capaz de... (*Bolingbrok e John deixam as mulheres e se atiram sobre Narciso, segurando-o.*)

JOHN — Maldito velho!

BOLINGBROK, *ao mesmo tempo* — Velho macaco!

NARCISO — Ai, deixem-me!

JEREMIAS — John! Bolingbrok!

JOHN — Quero minha mulher!

BOLINGBROK, *ao mesmo tempo* — Minha mulher, macaco!

NARCISO — Diabos, diabos!

VIRGÍNIA, *para John* — Deixe meu pai!

CLARISSE, *para Bolingbrok* — Largue! Largue! (*Ambas, ajudadas por Jeremias e Henriqueta, puxam os ingleses, que se mostram enfurecidos contra Narciso. Neste tempo, Serapião e Pantaleão estão de pé, olhando atentamente para o que se passa.*)

NARCISO, *vendo-se livre dos ingleses* — Vão me pagar, ingleses do inferno! Pilantras!

BOLINGBROK — Larga a mim, Jeremias; quer dar soco...

NARCISO, *para Serapião e Pantaleão* — Amigos, vão chamar os funcionários da justiça, soldados, para prender

estes dois malandros que desencaminharam minhas filhas.

JOHN, *seguro* — Virgínia é minha mulher!

BOLINGBROK, *seguro* — Clarisse é mulher *minha!*

NARCISO — Isso veremos! O casamento está anulado.

A sentença a estas horas está lavrada.

JEREMIAS, *adiantando-se* — Ainda não está.

NARCISO — O quê?...

JEREMIAS — O senhor Moreira, procurador do senhor Narciso, por ter muito o que fazer, entregou-me os autos que tratavam do cancelamento do casamento de suas filhas, para eu dar andamento a eles. Deixei um instante sobre a minha mesa, e os meus pequenos o puseram neste estado... (*Assim dizendo, tira do bolso da casaca uma grande porção de papel cortado em tiras estreitas.*)

NARCISO — Oh! (*Tomando algumas tiras de papel e examinando-as*) Oh, é a minha letra! A assinatura... Não tem dúvida! (*Para Jeremias.*) O que você fez? (*Bolingbrok e John abraçam Jeremias.*)

JOHN — Meu amigo!

BOLINGBROK — *Minha* amigo! (*Ao mesmo tempo.*)

JEREMIAS — Não me sufoquem!

NARCISO — Vou me queixar ao ministro inglês, vou me queixar ao Governo desta imposição inglesa. (*Para Serapião e Pantaleão.*) Vamos, amigos!

VIRGÍNIA, *correndo para ele e lançando-se aos seus pés* — Meu pai!

CLARISSE, *fazendo o mesmo, ao mesmo tempo* — Meu pai!

NARCISO — O que é isso?

VIRGÍNIA — John ainda me ama.

CLARISSE, *ao mesmo tempo* — Bolingbrok ainda me ama.

JOHN e BOLINGBROK — *Yes!*

CLARISSE — E está pronto a se sujeitar a todas as ceri-

mônias religiosas que tornem o nosso casamento legítimo.

JOHN — Eu estou pronto para tudo.

BOLINGBROK — *Yes*, pronta.

JEREMIAS — Meu caro senhor Narciso, o senhor não pode se opor a isto; elas querem... (*Bolingbrok e John abraçam Jeremias.*)

CLARISSE e VIRGÍNIA — Meu pai, eu ainda o amo.

NARCISO — Levantem-se. (*As duas se levantam.*) Sei muito bem que sem o consentimento de vocês não poderei anular o casamento. Senhores, depois que estiverem legitimamente casados, podem levar suas mulheres.

JOHN, *abraçando Virgínia* — Minha Virgínia!

BOLINGBROK, *abraçando Clarisse, ao mesmo tempo* — *My Clarisse!*

NARCISO, *para Serapião e Pantaleão* — Perdoem-me, meus amigos.

JOHN — Jeremias será nosso associado.

BOLINGBROK — *Yes*, será nosso *sociado!*

JEREMIAS — Oh, eu vou fazer fortuna, minha Henriqueta! (*Abraça-a.*)

HENRIQUETA — Iremos para a Bahia e seremos todos...

JOHN, BOLINGBROK, VIRGÍNIA, CLARISSE, JEREMIAS e HENRIQUETA — Felizes!

NARCISO, SERAPIÃO e PANTALEÃO, *ao mesmo tempo* — Satisfeitos!

FIM